



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROZINETE ZOIZOQUIALO AMAJUNEPÁ

**PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DO TRANÇADO DO ABANADOR (BARUKWA),
COM OS ALUNOS DA ETNIA BALATIPONE**

BARRA DO BUGRES-MT

ABRIL/2024



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROZINETE ZOIZOQUIALO AMAJUNEPÁ

PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DO TRANÇADO DO ABANADOR (BARUKWA)
COM OS ALUNOS DA ETNIA BALATIPONE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino, Docência e Interculturalidade

Orientadora: Profa. Dra. **Rosane Duarte Rosa Seluchinesk**

Coorientador:

BARRA DO BUGRES-MT

ABRIL/2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Amajunepa, Rozinete Zoizoquialo.

Práticas de ensino a partir do trançado do abanador (Barukwa)
com os alunos da etnia Balatipone / Rozinete Zoizoquialo
Amajunepa. - Barra do Bugres, 2024.
75f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientadora: Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk.

1. Povos Indígenas. 2. Saberes Ancestrais. 3. Artefatos
Indígenas. 4. Escola Indígena. 5. Território Indígena Umutina.
I. Seluchinesk, Rosane Duarte Rosa, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 376:391(817.2)

ROZINETE ZOIZOQUIALO AMAJUNEPÁ

**“PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DO TRANÇADO DO ABANADOR (BARUKWA) COM
OS ALUNOS DA ETNIA BALATIPONE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 30 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ROSANE DUARTE ROSA SELUCHINESK**
Data: 10/10/2024 12:36:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA**
Data: 10/10/2024 12:46:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de Franca
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANO BATISTA CASTORINO**
Data: 14/10/2024 16:07:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adriano Batista Castorino
Universidade Federal do Tocantins - UFT
Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
 **JOAO CARLOS ALBUQUERQUE SOUZA DE ALMEIDA**
Data: 10/10/2024 14:10:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Carlos A. Souza de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Examinador Externo

DEDICATÓRIA

Dedico estes estudos à Escola Municipal Indígena Jula Pará, pelo acolhimento.

À minha mãe Gracilda Gonçalves Amajunepá,

À minha avó paterna Inês (*In Memoriam*),

À minha irmã Sílvia Amajunepá

Às mulheres da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a HAIPUKU (Deus), por ter me permitido chegar até aqui, me favorecendo com saúde e sabedoria.

Agradeço a minha família, netos, filhos, irmãos e esposo por ter paciência comigo no decorrer dos estudos e principalmente pela força, apoio e incentivo que me fizeram permanecer forte nos estudos.

Agradeço a Escola Municipal Indígena Jula Pará e comunidade pela oportunidade e confiança em mim como professora.

Agradeço aos alunos da Escola Municipal Jula Pará que estiveram prontos em fazer parte desta pesquisa, onde os mesmos foram protagonistas da ação.

Agradeço a artesã Gracilda Gonçalves Amajunepá por ter disponibilizado o seu tempo para transmitir seu conhecimento aos alunos e também para a escola.

Agradeço ao professor Valdevino Harinson e Silvinho Amajunepá por ter contribuído com esta pesquisa e fornecendo conhecimentos e auxiliando os alunos com os trabalhos em estudos.

Agradeço aos meus pais: Gracilda Gonçalves e Silvio Amajunepá e meus irmãos por ter contribuído com esta pesquisa disponibilizando seus conhecimentos e me apoiando.

Agradeço a professora Rosane pelas orientações e contribuição no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a Unemat e a PPGECEII por ter confiado na minha capacidade de produzir este trabalho e do respeito com a minha comunidade.

Agradeço aos pais dos alunos que incentivaram os filhos para que aprendessem os artefatos e também compreendessem a importância dos mesmos para nós quanto povo Indígena.

Agradeço aos meus avós paternos, Apikore Amajunepá e Inês Baconepá (in memoria) pelos ensinamentos transmitidos através das histórias contadas em noite de luar.

Agradeço a meu avô Haxipá (in memoria) que sempre nos fez saber de onde viemos e onde estamos, sempre transmitiu com clareza os caminhos percorridos por eles em longo período de lutas.

Agradeço a minha irmã Sílvia Amajunepá conhecedora da nossa história e mesmo com pouco tempo ainda assim se dispôs em colaborar com esta pesquisa, relatando tudo que viveu e aprendeu com nossos avós (Haxipá, Apikore e Inês).

Agradeço aos membros da banca, Professor Raimundo e Professor Adriano, pela disponibilidade em ler e avaliar meu trabalho.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

Texto na língua Balatipone

AMAJUNEPÁ, Rozinete Zoizoquialo. Prática de Ensino a partir do Trançado do Abanador (barukwa) com os Alunos da Etnia Balatipone. Dissertação Mestrado de ensino em contexto Indígena Intercultural – PPGECEI. Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Barra do Bugres, 2023.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós Graduação de Ensino em Contexto Indígena Intercultural sobre saberes tradicionais do Povo Balatipone, e os conhecimentos que podem ser articulados para prática pedagógica, em escolas indígenas. Teve como objetivo identificar e compartilhar possíveis conhecimentos sobre práticas de ensino escolares que podem estar presentes na confecção do abanador, objeto pertencente a cultura material e imaterial Balatipone. Essa pesquisa foi desenvolvida com alunos do quarto ano seriado da escola Municipal Indígena Jula Paré que fica no Território Indígena Umutina, Aldeia Central Umutina no município de Barra do Bugres/MT. Para o desenvolvimento da pesquisa foi estabelecido com os alunos que o estudo trataria dos processos para realizar os trançados (Barukwa). Com base na metodologia de pesquisa participativa de cunho etnográfico, foram desenvolvidas etapas de observação e escuta dos anciões, coleta de material para o trançado, orientação para confecção do trançado, e por fim o registro das atividades prático-reflexivas sobre todo o processo desenvolvido. Nos dados obtidos identificamos que esta atividade que articulava práticas culturais com atividades escolares despertou muito interesse nos alunos. Foi possível observar que nas orientações da anciã e da professora, tanto no momento de coleta de material, quanto na confecção dos artefatos, os alunos ficaram muito interessados em aprender sobre os conhecimentos que existem no fazer do trançado. Através desta pesquisa conseguimos estabelecer um diálogo intercultural e interdisciplinar que permitiu também a identificação de conhecimentos escolares sobre matemática, ciências, geografia e outros que se fizeram presentes durante esta prática cultural. Entretanto não podemos deixar de ressaltar que a prática cultural em si, já possui um vínculo com a cultura ancestral, o que levou os alunos a se envolverem completamente em todos os passos da atividade. Ao produzirem seus abanos, puderam vivenciar com todos os sentidos uma aprendizagem pautada na cultura imaterial e material que este artefato possui para o Povo Balatipone.

Palavras-chave: (Conteúdos, Povos Indígenas, Saberes Ancestrais, Artefatos Indígenas, Escola Indígena).

ABSTRACT

In this paper there is a product of research each developed in the Postgraduate Program for Teaching in an Intercultural Indigenous Context on traditional knowledge of the Balatipone People, and the knowledge that can be articulated for pedagogical practice at indigenous schools. It aimed to identify and share possible knowledge about school teaching practices that may be present in the making of the shaker, an object belonging to Balatipone material and immaterial culture. This research was developed with students in the fourth year of the Jula Pará Indigenous Municipal School, which is located in the Umutina Indigenous Territory, Aldeia Central Umutina in the municipality of Barra do Bugres/MT. For the development of the research, it was established with the students that the study would deal with the processes for making braids (Barukwa). Based on the participatory research methodology of an ethnographic nature, stages of observation and listening to the elders, collection of material for braiding, guidance for making the braid were developed, and finally the recording of practical-reflective activities on the entire process developed. In the data obtained, we identified that this activity, which combined cultural practices with school activities, aroused a lot of interest in students. It was possible to observe that in the guidance of the elder and the teacher, both when collecting material and when making the artifacts, the students were very interested in learning about the knowledge that exists in making braids. From this research we managed to establish an intercultural and interdisciplinary dialogue that also allowed the identification of school knowledge about mathematics, science, geography and others that were present during this cultural practice. However, we cannot fail to emphasize that the cultural practice itself already has a link with ancestral culture, which led students to become completely involved in all steps of the activity. When producing their fans, they were able to experience with all their senses a learning experience based on the intangible and material culture that this artifact possesses for the Balatipone People.

Key-words: Indigenous Peoples, Ancestral Knowledge, Indigenous Artifacts, Indigenous School

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do Território Indígena Umutina

Figura 2: Palmeira Babaçu (*Attalea speciosa*) localizada no Território Indígena Umutina

Figura 3: Desenho da folha da palmeira pronta para realizar o trançado do *barukwa*.

Figura 4: Imagem da fachada da Escola Otaviano Calmon

Figura 5: Prédio da Escola Indígena Municipal Jula Pare

Figura 6: Pai e filho Balatipone realizando dança tradicional

Figura 7: Figura de um homem Balatipone confeccionando artefatos de palha de buriti

Figura 8: Imagens da coleta dos materiais para produção do transado: Artesã cortando o broto na presença dos alunos que a observam

Figura 9: Fotografia dos alunos com os materiais coletados para confecção dos trançados no momento em que chegaram na escola depois da coleta.

Figura 10: Alunos preparando os brotos para o processo de estalar sob a orientação da Pesquisadora

Figura 11: Finalização do processo de estalar os brotos do babaçu

Figura 12: Artesã auxiliando os alunos no trançado

Figura 13: Aluno realizando o trançado

Figura 14 – Desenho da Anciã conversando e orientando as atividades a serem realizadas

Figura 15: Desenho dos alunos no Babaçuzal escolhendo, cortando e estalando o broto para o transporte.

Figura 16: Desenho dos alunos na escola estalando o broto de babaçu sob a orientação da anciã

Figura 17: O caminho de ida até o Babaçuzal e o trançado do *Barukwa*

Figura 18: Desenho de um abanador gigante sobre a terra indígena.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DAI	Departamento de Assuntos Indígenas
AMTB.....	Associação de Missões Transculturais Brasileiras
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SESAI	Secretária Especial de Saúde a Atenção Indígena
PPP	Projeto Político Pedagógico
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
CASAI	Casa de Apoio a Saúde Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 - METODOLOGIA DE PESQUISA.....	17
1.1 A ESCOLHA DO TEMA.....	17
1.2 O PESQUISADOR.....	17
1.3 ABORDAGEM DE PESQUISA.....	24
1.4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
2 – CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO POVO INDÍGENA BALATIPONE....	28
2.1 TERRITÓRIO E POPULAÇÃO INDÍGENA BALATIPONE.....	31
2.2 SABERES E FAZERES NA CONFECÇÃO DE ARTEFATOS INDÍGENA BALATIPONE.....	33
2.3 PROCESSO DE CONFECÇÃO DO BARUKWA	37
2.4 O BARUKWA.....	39
3 – A EDUCAÇÃO BALATIPONE.....	41
3.1 UMA ESCOLA BALATIPÓNE.....	42
4. UMA EXPERIENCIA DIDATICO PEDAGOGICA A PARTIR DO TRANÇADO BALATIPONE COMO TEMA GERADOR.....	46
4.1 PLANEJAMENTO COM AS CRIANÇAS	52
4.2 PREPARAÇÃO DO MATERIAL COLETADO	54
4.3 O TRANÇADO: TECNICAS, MOVIMENTOS E CONHECIMENTOS	57
4.4 AS PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS DURANTE A FABRICAÇÃO DO PRODUTO OU OBJETO	60
4.5 TEXTOS E DESENHOS.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	72

INTRODUÇÃO

Os trançados indígenas, em especial o do povo indígena Balatipone¹, trazem, em sua origem, muitos conhecimentos que são gerados a partir desta prática ancestral. No processo de produção dos trançados, é possível identificar estratégias de ensino em cada etapa desde a escolha do material até a produção do artefato. Este fazer pedagógico envolve conhecimentos escolares e saberes indígenas tradicionais, ainda que estes não estejam presentes nos documentos escolares. Isso se deve ao fato de que a tradição oral dos povos originários ainda não está colocada nos materiais pedagógicos da escola e nem mesmo das indígenas. O que temos é a menção em documentos oficiais de que é um tema necessário na escola indígena. Com o objetivo de identificar estes conhecimentos, nos propomos a realizar a observação e registrar o processo de construção do abanador, orientado pelos anciões, mediado pelos professores e realizados com os alunos. É preciso ressaltar que estes objetos fazem parte da cultura do povo Balatipone, sendo confeccionados e utilizados de acordo com os saberes que são transmitidos de uma geração para outra

A aproximação com este tema se deve ao fato de que ao observar o processo de construção e usos destes objetos surgiu o interesse de ver a possibilidade de utilizá-los como recurso didático pedagógico na sala de aula, pois de imediato percebi que o trançado formava figuras geométricas e que para fazê-lo era necessário muito cálculo. Partindo desse olhar, fui identificando outros conteúdos escolares que também estavam presentes na elaboração destes objetos, decidi experimentar estas atividades com os alunos e as possibilidades foram se ampliando.

Assim surgiu a proposta de realizar um estudo mais aprofundado, utilizando-se da metodologia de pesquisa aplicada com os alunos da Escola Municipal Indígena Jula Pará. Esta atividade foi baseada numa perspectiva interdisciplinar e intercultural levando em consideração o que está estabelecido no RECN/Indígena que, de acordo com Brasil (1998), é preciso pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos.

¹ Neste trabalho a denominação do povo será Balatipone, em função da autodenominação. Entretanto quando se tratar do nome do território e da aldeia permanece com a denominação Umutina. Isso se deve em função de ainda estar em processo a alteração administrativa.

Outra fundamentação que sustenta este estudo e que pode trazer mudanças significativas na prática dos professores é a possibilidade de trabalhar com etnoconhecimento junto dos conteúdos escolares que são transmitidos nas escolas indígenas. De acordo com Miranda (2007.p.2), o etnoconhecimento se refere aos “conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvida à margem do sistema social formal”.

Nas atividades de confecção do abanador, *barukwa*, notamos que os alunos começaram a utilizar as informações dadas pelos pais, tios e outros parentes mais velhos que tinham em suas memórias estratégias para dar formato, tamanho e durabilidade e outros elementos. Então percebi que o intuito de trazer estes objetos para sala de aula como tema gerador, se aproximou da proposição de Freire (1985) quando ele define que os temas geradores servem ao processo de codificação-decodificação e problematização da situação, pois permitem concretizar, metodologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade. É pela experiência da reflexão coletiva da prática social real que poderemos trabalhar conteúdos escolares valorizando o conhecimento que ao ser identificado e registrado poderão ser utilizados como prática pedagógica. Além disso podem ainda contribuir na preservação da cultura imaterial que está na constituição desses objetos e que tem importância sociocultural e ambiental, posto que a cultura e o meio ambiente estão entrelaçados nos saberes indígenas.

Participaram da pesquisa um grupo de 12 alunos do Ensino Fundamental I, o professor Valdevino Harinson Amajunepá; o fotógrafo e professor Silvinho Amajunepá; Artesã Gracilda Gonçalves Amajunepá e Sílvia Amajunepá. Como material de pesquisa foi utilizado celular G20 para fotografar, caderno e caneta para anotações, facão utilizado para retirada da matéria prima, sulfite, pincéis, lápis de cor, canetinha, borracha, (materiais escolares para desenhos e matéria prima, palha de babaçu para confecção dos artefatos aqui estudados). A metodologia está dividida em duas partes: a primeira constituída de uma entrevista com o professor; a segunda uma oficina com os alunos do 4º ano.

Ao mostrar que é possível trazer esses elementos para a sala de aula e que os mesmos vão contribuir na aprendizagem de conteúdos estaremos materializando o conceito de que o “conjunto de representações de situações concretas possibilita aos grupos populares uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra”. (Freire, 1985, p. 23). Assim este trabalho é também uma oportunidade de valorização de conhecimento da realidade

do aluno. Esses conhecimentos presentes nos relatos orais dos indígenas artesões que fabricam estas peças podem ser sistematizados para compor o rol de habilidades e competências, explicitas nos documentos que norteiam a prática pedagógica.

Estudos voltados para essa prática de ensino podem despertar interesse de outros acadêmicos de etnias diversas, as quais podem servir de referência para novos trabalhos acadêmicos. Nesse sentido após a conclusão desta pesquisa, os materiais produzidos serão disponibilizados para os professores indígenas que irão fazer uso dos mesmos em suas aulas de acordo com as habilidades exigidas no ano/fase.

Afirmo que precisamos nos sensibilizar enquanto professores indígenas para conhecer e compreender como ocorre o processo de transição interdisciplinar e intercultural entre os conhecimentos indígenas, mas propriamente do povo Balatipone com os conteúdos escolares pautados no conhecimento ocidental, sendo assim trazer para dentro da escola essa integração de saberes.

Para contribuir com esta premissa ora apresentada, organizamos este texto com a seguinte estrutura: na segunda seção denominada Metodologia da Pesquisa é demonstrado os motivos da escolha do tema, bem como os elementos que compõe este estudo tais como, o lugar da pesquisa, a abordagem e os fundamentos de pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos utilizados. Na terceira parte apresento o contexto histórico e social do Povo Indígena Balatipone com informações sobre o contexto do território e da população, a história da escola e da professora/pesquisadora e o processo cultural de confecção e uso dos artefatos selecionados para tema gerador. Na quarta e última seção é feito o relato da experiência pedagógica que se destina também a experimentação do produto pedagógico, cuja proposta é utilizar o processo de confecção do abanador (barukwa) como tema gerador para acessar tanto os saberes da escola, quanto os saberes culturais. E por fim são apresentadas as considerações finais que apontam a importância da cultura para promover a ressignificação dos processos pedagógicos em escolas indígenas e de outro modo, da escola também como espaço de avivamento de práticas culturais para os mais jovens que agora estão passando uma parte do seu tempo em salas de aula.

1.1 A Escolha do Tema

A proposta deste tema de pesquisa surgiu a partir de dois fatos fundamentais: Primeiro os alunos do 4º, em 2019 chegaram ao 2º lugar na apresentação da Feira de Matemática com o tema “Matemática na palha” onde o trabalho apresentado foi justamente o BARUKWA. Segundo, afirmo que o interesse em buscar a descrição desse artefato tem valor inestimável para mim, não só como professora, mas como resgate cultural. Lembro-me quando criança observava a minha avó paterna a confeccionar o *barukwa* (abano) com intuito de abanar o fogo e como portar alimentos como o beiju, peixe e carne de caça assados sobre ele. Essa memória da minha avó tem despertado em mim o interesse de aprofundar sobre os trançados.

Por se tratar de um estudo sobre educação com enfoque no fazer pedagógico das escolas indígenas elegi a pesquisa qualitativa, pois de acordo com (Minayo, 2014) essa é a modalidade de pesquisa que se preocupa com o nível da realidade que não pode ser quantificado, ou seja, é uma pesquisa que trabalha com universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

E por se tratar de uma pesquisa que envolve vivências com os sujeitos envolvidos no processo de aquisição e tratamento dos dados, também foi baseada no método etnográfico. A Etnografia segundo Schnekenberg (2021) trata-se de uma forma de fazer pesquisa que exige o contato de um pesquisador com um grupo, instituição, comunidade ou sociedade. Este contato se dá pela vivência por um determinado período que permita ao etnógrafo descrever ou narrar sua experiência para falar sobre a cultura que investigou, contrastando as práticas e os discursos dos sujeitos que observou com as teorias de sua própria comunidade. Assim

1.2 A Pesquisadora

Para contextualizar os motivos que me levaram a realizar este estudo, relato aqui a minha Etnobiografia. Eu sou uma mulher indígena, que fui aluna e hoje sou professora desta escola. Meus pais me deram o nome de Rozinete Zoizoquialo Amajunepa. Tenho 49 anos, sou casada há 36 anos. Tenho três filhos: Raphael Amajunepa de Oliveira, Filadelfo Amajunepa de Oliveira e Luzdayara Amajunepa de Oliveira. Tenho 12 netinhos que são minha vida. Meu esposo Filadelfo de Oliveira Neto é meu parceiro de luta, companheiro amigo. Nos casamos muito jovens, tivemos momentos difíceis em nossas vidas de casal, mas creio que os momentos bons e felizes são muito mais comuns.. Não sei viver sem ele, é o amor da minha vida. Hoje, temos uma aldeia da nossa família, chamada Vale do Rio Bugres, que fica a 6 km da Aldeia Central Umutina. Eu considero minha aldeia, um pedacinho do céu na terra. É um

lugar muito aconchegante. Aqui vivem pessoas importantes para minha vida e também porque guarda os saberes da nossa ancestralidade, a cultura do povo Balatipone. Essa aldeia é o resultado de muitas histórias e lutas para ter este lugar onde podemos ter condições de viver bem e cuidar dos filhos e netos.

Começo contando minha história com as palavras da minha mãe. Ela disse que eu nasci no dia 10 de janeiro de 1974 na Aldeia Umutina, atualmente denominada de Aldeia Central Umutina, em um dia de muita chuva. As suas palavras reforçam que, para ela e meu pai, foi um dia especial, pois toda a aldeia se alegrou com a chegada de mais uma criança. A Aldeia Central Umutina foi e ainda é um lugar muito bonito, com muitos animais, árvores, água e espaço para fazer nossas casas, plantar roça, caçar e pescar. No meio da aldeia tem um campo de futebol, que desde aquela época era uma atração para todos. Meu pai conta ainda que, na aldeia, tinha muitos bois e cavalos, e assim desde muito cedo aprendi a montar nos cavalos. Meu avô Apicore Amajunepa era o responsável por cuidar dos bois e cavalos que tinham na aldeia. Estes animais foram deixados pelos funcionários do SPI², que depois se tornou a Funai. Eu e meus irmãos fomos criados neste lugar que possuía muitas riquezas naturais, mas também era necessário, desde muito cedo, ter responsabilidade de ajudar a cuidar dos animais, das crianças, das plantas e de tudo o que fazia parte das nossas vidas. Por ser a mais velha dos seis irmãos, fiquei responsável em ajudar minha mãe a cuidar dos irmãos menores e principalmente dos animais menores, como no caso das galinhas.

Logo depois fomos morar num lugar chamado Retiro, que hoje é chamado de Aldeia do Alto Retiro. Neste tempo, eu e meus dois irmãos mais velhos íamos todos os dias a cavalo estudar na antiga escola Otaviano Calmon, que ficava na Aldeia Umutina. Estudávamos no período da tarde, isso quando tinha professor na aldeia, pois as vezes o professor ficava na aldeia só o primeiro semestre e, quando saía de férias, e não voltava mais. Com isso, sempre ficávamos prejudicados nos estudos. Tenho poucas recordações do tempo em que vivemos no Retiro, mas lembro que lá também havia criação de porcos, galinhas, cavalos e bois. Meu pai plantava uma roça que tinha de tudo um pouco. A roça fornecia alimentos para a nossa família e para os animais. Meu pai era um homem simples e muito trabalhador. Ele nos ensinou a lidar com a plantação da roça e também a cuidar dos animais de criação, que também serviam de alimento.

² Em 20 de junho de 1910 foi criado no Brasil o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão que inaugurou a política indigenista no país. Apesar dos erros cometidos pelo Estado na tentativa de integrar comunidades indígenas à sociedade, o serviço foi pioneiro na demarcação de terras, o que garantiu a sobrevivência de muitas aldeias. O SPI foi substituído, em 1967, pela Fundação Nacional do Índio (Funai). (Salatiel, 2010).

Sou a filha mais velha de 6 irmãos, sendo duas mulheres e quatro homens. Meus pais se casaram muito cedo e logo foram nascendo os filhos, sendo um a cada ano. Minha mãe, naquela fadiga de gestar e cuidar dos filhos todos pequenos, se tornou uma pessoa triste e deprimida, que não tinha ânimo nem para cuidar da casa e dos filhos. Isso acabou levando ao fim do casamento dos meus pais Silvio Amajunepa e Gracilda Gonçalina Amajunepa. Assim, quando ainda criança, fui obrigada a cuidar e ser mãe dos meus irmãos. Com o passar dos anos, minha mãe, que já era uma pessoa ausente das nossas necessidades, resolveu ir embora para a cidade. Primeiro, ela foi para Barra do Bugres onde trabalhou de auxiliar de cozinheira e depois como cortadora de cana de açúcar. Ali mesmo, com todas as dificuldades, ela começou a estudar. Enquanto isso, na aldeia, eu já completava nove anos de idade e, como era difícil cuidar de mim e dos meus irmãos, fomos morar definitivamente com meus avós paternos na Aldeia Umutina.

Passamos por um período muito difícil. Meu pai, sofrendo com a separação, se tornou alcoólatra e contraiu doenças como malária e uma tuberculose. Doença essa que, naquele tempo, era muito grave. Assim, como ele ficou muito debilitado, foi transferido para a capital Cuiabá, para um lugar chamado de chácara, e ficou morando numa casa que abrigava os indígenas em tratamento, hoje conhecida como Casa de Saúde Indígena (CASAI).

Diante dessa situação, a minha mãe resolveu ir junto com meu pai. Lá, ele ficou em isolamento e foi se recuperando aos poucos, o que durou um ano e sete meses em tratamento. Quando meu pai já estava melhor, minha mãe continuou cuidando dele. Essa dedicação chamou a atenção da enfermeira chefe lá da chácara que incentivou minha mãe a fazer o curso de técnico de enfermagem. Então, quando meu pai já recuperado voltou para a aldeia, minha mãe conseguiu ser contratada pela Funai e lá permaneceu. Esse tempo que meus pais ficaram ausentes, eu e meus irmãos continuamos com nossos avós paternos que faziam o que podiam pois também tinham os filhos deles para cuidar. Minha tia Bibi foi uma figura importante, tanto para mim como para meus irmãos. Ela supria a ausência do carinho de nossa mãe, pois tinha sempre um olhar carinhoso para nos confortar nos momentos de dificuldade. Entretanto, no dia a dia era eu que fazia a comida, cuidava para que meus irmãos não se machucassem, para que não fizessem coisas erradas, ajudava com a tarefa da escola deles, sendo que ainda tinha meu irmãozinho que, nesse período, tinha dois aninhos. No início da separação dos meus pais, ele tinha só 8 meses de vida. Enfim, meu pai voltou depois do tratamento, mas minha mãe ficou por lá mesmo trabalhando. Ela só vinha na aldeia no final do mês.

Depois que a minha mãe começou a trabalhar, ela nunca deixou nos faltar nada: roupa, calçado, alimento, bens materiais; mas nunca mais ficou muito presente. Ainda que distante, ela sempre nos incentivou a estudar e hoje entendo que, mesmo com todos as consequências do sacrifício feito por ela, também ganhamos a determinação para estudar. Assim, de seis irmãos, só um não fez a faculdade. Minha história com minha mãe foi resolvida com o tempo, pois ao crescer fui compreendendo que ela, ainda criança, também foi abandonada pela mãe sendo criada pela minha avó paterna e aos 12 anos casou-se com meu pai, que só tinha 15 anos de idade. Entendi a situação daquela menina que ainda criança já se tornou mãe de muitas crianças e nem sabia como cuidar dela mesma. Assim, só me restou, também uma menina ainda, cuidar de mim e dos meus irmãos até que todos pudessem continuar suas vidas com suas famílias.

À medida que fomos crescendo, a nossa condição para estudar na aldeia continuava complicada. Mesmo assim, com idas e vindas de professores na aldeia, terminei o 4º ano do ensino fundamental. A partir daí, era necessário estudar na cidade, mas eu não tinha condições financeiras para morar na cidade com meus irmãos. Então, meus pais, junto com pais de outros alunos, decidiram que a gente deveria estudar na cidade de Barra do Bugres, e que o nosso meio de transporte seria ora o barco, ora o trator ou um veículo S10 mantida pela Funai. Em qualquer uma das situações, os pais teriam que arcar com as despesas de combustível. Infelizmente, essa ideia não deu muito certo, pois nem sempre havia combustível ou então as estradas, com as chuvas, ficavam interditadas. Quando não tinha combustível, eu ia a cavalo, meu pai me levava até a beira do rio Bugres, as vezes ele voltava pra me buscar, e sempre me falava que não precisava ter medo porque não ia acontecer nada. Ele dizia sempre: *“Se for para ter medo, então que seja do homem”*. Eu cresci com esse ensinamento. Às vezes eu deixava o cavalo amarrado na beira do rio, e quando saía da aula ia andando até o rio, chegava lá pegava a canoa que meu pai deixava lá pra mim e atravessava o rio, encilhava o cavalo e ia embora a galope para aldeia, só eu e Deus. Chegava na aldeia por volta das 19 horas e ainda tinha de preparar a comida para os meus irmãos.

Além das dificuldades de deslocamento até a escola, estudar na escola da cidade foi um grande desafio. Ainda que eu falasse o português e não houvesse aprendido a língua materna, as palavras não eram as mesmas que eu conhecia. Era eu começar a falar ou então ficar em silêncio que os outros alunos já me chamavam de bicho do mato. A dificuldade de socialização nunca era trabalhada pela professora que parecia concordar com os outros alunos. Os professores não davam nenhuma importância para nós. Eu, por exemplo, tinha muitas

dificuldades com a disciplina de matemática, e no inglês então nem se fala, mas ninguém se importava com isso. Na escola Julio Muller, onde fui estudar primeiro, os professores também não demonstravam nenhuma preocupação com as nossas dificuldades. Como a distância e os obstáculos das estradas eram grandes, não foram raras as vezes que chegamos atrasados e encontramos os portões fechados. Ficávamos lá na frente pedindo ao guarda para abrir, mas ele não nos deixava entrar. Acontecia de tudo, as vezes a gente tomava chuva, outras não almoçava porque não havia dinheiro para comprar comida e a escola não fornecia merenda escolar. Como não tinha apoio na escola e na aldeia as pessoas não tinham condições de me ajudar, tive de me esforçar sozinha para melhorar as minhas notas nas disciplinas que tinha mais dificuldades, e assim consegui passar de ano. Entretanto, já no ano seguinte eu não consegui, mas persisti até terminar o segundo grau.

A vida na aldeia era diferente, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas durante o dia, seja para estudar ou para trabalhar, a noite era reconfortante, cheia de histórias de tempos que estavam só na nossa imaginação e nas palavras da minha avó. Recordo com saudades de quando anoitecia e nos sentávamos ao redor da fogueira na casa da minha avó Inês Baconepa Amajunepa para ouvirmos histórias que ela contava para todas as crianças, e eu era uma das mais atentas. Ela contava histórias de como Haypuku criou o mundo e tudo que existe, histórias de como o *wace* (não índio) chegou na *maloca* (expressão usada por ela), trazendo com eles muitas doenças. Relatava minuciosamente sobre como ela foi tirada dos seus pais e de como foram proibidos de falar a língua materna. Eram histórias muito tristes do passado dela, pois minha avó era uma das sobreviventes do contato com o homem branco e das mazelas que eles trouxeram para os povos indígenas.

Ela afirmava sempre que era necessário nós estudarmos, era importante conhecer o *wace* para poder se defender dele e das coisas que ele queria e carregavam com eles, como as doenças. A presença do homem branco era entendida por ela como uma ameaça para o nosso povo. Me recordo do seu tom de alerta em frases que ainda ecoam nos meus ouvidos: “Vocês têm que estudar para saber falar com o *wace*, tem que aprender para defender nossas terras, nossos rios, as nossas matas”. Ela também já não falava mais a língua do nosso povo, mas sempre defendia a importância da língua para a cultura Balatipone. Ela teve que aprender a língua portuguesa, pois foi alfabetizada pelos padres que a ensinaram a ler a bíblia. Ainda que a língua fosse tirada dela e imposta outra visão de mundo a partir de uma visão religiosa, ela guardou na memória a cultura do nosso povo e sempre defendeu que não devíamos esquecer quem somos.

No ano de 1986, conheci meu esposo, ele morava na cidade com seus pais. A mãe do meu esposo é indígena e o pai dele não, por esse motivo, sempre morou na cidade. Nas férias da escola, em julho do ano de 1986, ele veio visitar seus avós maternos que sempre moraram na Aldeia Umutina e a gente se conheceu. Então, ele resolveu morar com seus avós e começou a estudar na mesma escola que eu estudava. Por ele também estar vivendo na aldeia passou a sofrer o mesmo preconceito. Namoramos, ficamos juntos e, quando vi, já estava grávida do meu primeiro filho, o Rafael que nasceu em 1989. Logo depois, veio o Filadelfo e, finalmente, a Luzdayara. Com três filhos pequenos, eu tive de parar com os estudos e ir cuidar deles, mas meu pai e meu esposo nunca me deixaram desistir dos estudos.

Quando meus filhos estavam maiores, já no ano de 2000, voltei a estudar em uma escola de educação de jovens e adultos. Nessa escola os professores eram muito diferentes, compreensivos, entendiam todo o lado cultural e as dificuldades que nós indígenas passávamos para chegar até a escola. Perguntavam sempre da cultura do povo Balatipone, das nossas convivências com as pessoas da cidade e por muitas vezes vi meus professores ficarem revoltados com os tantos absurdos que eram cometidos contra os povos indígenas. Tenho boas lembranças dos professores dessa escola, o professor Aderaldo, as professoras Maria José e Rosevania. Lembro-me que um dia, em sala de aula, alguém me chamou de índia com um tom pejorativo. Neste momento, a professora Rosevania tomou a palavra e disse: Ela é uma índia sim, mas ela tem um nome. E então a turma toda vaiou a pessoa que havia me chamado de índia. O tempo passou e, por incrível que pareça, ela se tornou professora também e hoje somos colegas de profissão, o que acaba permitindo que nós duas nos encontremos nas reuniões e eventos realizados pela secretaria de educação do município de Barra do Bugres.

Em agosto de 2002, minha filha de seis aninhos ficou muito doente com pneumonia e quase morreu. Diante desse quadro de saúde grave que minha filha passou, tive que parar de estudar e fui cuidar dela. Ainda que fosse por um período curto, pois logo ela se recuperou, eu acabei perdendo aquele ano e só consegui retornar no ano seguinte. Comecei a estudar novamente e não parei mais com os estudos. Terminei o ensino médio, fiz graduação. Na graduação também tive ótimos professores, professora Hébia Tiago que foi minha orientadora e Marinez Santini. Tenho duas pós-graduação e agora estou cursando o mestrado. Com a formação de professores indígenas graduados pela Unemat, a escola Jula Pará passou a ter professores qualificados para atuar no segundo grau. Assim, em 2004, a comunidade da Aldeia Umutina juntamente com os professores, lideranças, cacique, e assessoria do município de Barra do Bugres conseguiram trazer uma extensão da escola Júlio Muller, para a

escola Julia Pará. Eu fazia parte dessa turma de alunos e consegui terminar o ensino médio na aldeia, com professores indígenas, graduados pela Unemat. Neste mesmo ano saiu um edital da Unemat para vestibular indígena, havia sido abertas 100 vagas para ingresso de novas turmas de acadêmicos indígenas. Fiz a inscrição, realizei a prova e passei em 33º lugar. Em janeiro de 2005, comecei a cursar a faculdade do 3º grau indígena. Estava muito feliz por estar cursando a faculdade. Entretanto, foi também neste mesmo ano que perdemos a minha avó materna, Inês Baconepa, uma grande perda para todo o povo Balatipone.

Em 2009, terminei a faculdade e em 2011, teve outra seleção para ingresso de novas turmas para pós-graduação, era um curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, com 20 vagas. Enviei o projeto e fui aprovada. Depois de concluir o curso de Educação Escolar Indígena, fiz uma outra especialização em psicopedagogia. Comecei atuar como professora em 2008, quando ainda estava cursando a graduação, e fui substituir uma professora que estava afastada da escola, por motivo de doença. Em 2009, o município de Barra do Bugres realizou o primeiro seletivo para professores e, no edital, saíram três vagas para a escola municipal Julia Pará. Fiz a inscrição, fiz a prova do teste seletivo e passei em primeiro lugar. Desde então, estou atuando como professora titular na escola Julia Pará.

Em 2019, meu esposo começou fazer uma roça, onde hoje é nossa Aldeia Vale do Rio Bugres, e, em 2020, com a pandemia do COVID 19, preocupados com a nossa filha que estava grávida e com o primeiro caso de COVID 19 na Aldeia Umutina, mudamos definitivamente para a Aldeia Vale do Rio Bugres. Com os noticiários na teve, a gente achava que todos íamos morrer por conta do covid19. Nesse período de pandemia, ficamos um ano em isolamento social na nossa Aldeia Vale do Rio Bugres, somente meu filho e um de meus irmãos iam até a Aldeia Adonai buscar água, isso porque em nossa aldeia temos um grande rio, mas a água é imprópria para o consumo, e ainda não temos um poço artesiano. Também, nesse período, tivemos mais tempo para se dedicar ao plantio da roça. Fizemos um grande plantio de melancia, mandioca e muita banana da terra. Os nossos trabalhos fora da aldeia continuaram a serem realizados de forma online, durante todo o período pandêmico. Então, como professora, continuei a dar minhas aulas sempre a distância até que a pandemia terminou e voltei a dar aula presencial novamente.

Em 2021, saiu o terceiro edital para o mestrado indígena, com dez vagas para cada linha de pesquisa. Com a ajuda do meu irmão Silvinho, escrevi um projeto de pesquisa e classifiquei em 11º lugar. Depois, fui chamada porque a pessoa que passou antes de mim não compareceu. Entrei para preencher a vaga e estou cursando o mestrado indígena na Unemat.

Estou muito feliz, mas confesso que não tem sido nada fácil. Ainda assim, vejo que esta é uma oportunidade de falar dos conhecimentos do meu povo e por isso fiz uma proposta que trata de artefatos culturais e seus processos de elaboração. A minha pesquisa produziu um produto educacional que poderá continuar a ensinar os alunos sobre conhecimentos escolares e saberes tradicionais

1.3 Abordagem de Pesquisa

O povo Balatipone ao longo da história produziu e produz conhecimento para responder a necessidade de sobrevivência étnica, física, cultural e intelectual, usando instrumentos materiais presentes em seus espaços naturais e culturais. “A arte de trançar fibras vegetais representa a mais diversificada das categorias artesanais indígenas pois revela adaptações ecológicas e expressões culturais distintas” (Ribeiro, 1980).

Considerando que além do desafio que é articular a experiência vivida pelos povos antigos em construir artefatos que aos olhos parecem apenas enfeites e os conhecimentos curriculares da escola, foi necessário, mesmo eu sendo uma indígena, me despir de tudo que conheço quanto professora e buscar por uma metodologia que me orientasse a evidenciar todos os caminhos deste trabalho. Assim, este estudo está fundamentado nas abordagens qualitativa e etnográfica, como uma possibilidade de conhecer como o povo Balatipone tem utilizado os artefatos aqui em estudo, sendo que os dados aqui obtidos foram coletados e analisados por mim, que sou um membro da comunidade e que neste momento sou professora da Escola Municipal Indígena Jula Paré.

Em relação a coleta dos dados foi realizada em dois momentos, sendo o primeiro com entrevista ao professor e o segundo com a realização de uma oficina participativa com os alunos.

Spradley (1979) coloca que a análise etnográfica envolve uma busca das partes de uma cultura, a relação entre essas partes e a relação das partes com o todo; e apresenta quatro tipos de análise: de domínios, taxonômica, componencial e de temas. O primeiro nível de análise de domínios inicia-se a partir das anotações gerais obtidas das observações e questionamentos. Um domínio representa uma categoria simbólica do significado cultural que inclui categorias menores. Deste modo o pesquisador que também é sujeito da pesquisa tem a possibilidade de sistematizar os dados que considerou importante para compreender e interpretar os artefatos em estudo.

São conhecimentos como os citados pelo autor que o Povo Indígena Balatipone acumulou ao longo da história e até hoje sabem e usam para coletar, preparar e confeccionar vários trançados presentes na cultura material. Conhecimentos estes que foram usados para realização de oficinas com os alunos na Escola Municipal Indígena Jula Pare na confecção destes trançados.

1.4 Fundamentos Metodológicos

Como já fora mencionado, a pesquisa qualitativa envolve algumas estratégias que estão fundamentadas em métodos como a pesquisa participante e a pesquisa etnográfica.

A pesquisa participante, como o próprio nome sugere, implica necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa (Soares e Ferreira, 2006).

A pesquisa etnográfica, de acordo com alguns estudiosos, significa, literalmente, a descrição de um povo. Ela emerge no final do século XIX e início do século XX com a necessidade de pesquisadores entenderem de forma mais adequada e aprofundar da comunidades e grupos sociais, com sua inauguração sendo oficialmente reconhecida com *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowski (2018 [1922]). Até então, todo conhecimento provinha de especulação da filosofia social, nesse sentido, sem contato nenhum com a sociedade. Portanto, os pesquisadores desta época chegaram à conclusão de que apenas o contato real em campo poderia descrever melhor a cultura de um povo.

Para Bernardi (1974), são quatro os fatores essenciais da cultura: "o **anthropos**, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal; o **ethnos**, comunidade ou povo entendido como associação estruturada de indivíduos; o **oikos**, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a atuar; o **chronos**, o tempo, condição ao longo do qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a atividade humana". Acrescenta que um fator por si só não constitui a cultura, mas a ação dos quatro fatores é uma constante no processo cultural. Cada ação do indivíduo único, mesmo sendo novo, original ou importante, estaria destinada a perder-se ou apagar-se se não fosse apropriada pela coletividade, articulada num conjunto orgânico e transmitida como parte do patrimônio comum.

O papel da pesquisa etnográfica está sendo cada vez mais reconhecido em razão do

que ela representa para o desenvolvimento de programas de assistência e de ensino para as comunidades, já que apresenta a fonte de informação cultural, como em Bentley (1988); Amador (1991); Gualda (1993); Segovia Herrera (1988) e Rosenthal (1989).

De acordo com Ubiratam D'ambrósio (2009) cada povo tem suas formas próprias de conhecer, fazer e explicar o ambiente que o cerca. Para ele, indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, instrumentos materiais e intelectuais. Estes instrumentos servem “para explicar, entender, conhecer, aprender, saber e fazer como resposta as necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais” (D'Ambrosio, 2009, p.60).

1.5 Procedimentos Metodológicos

Eu como pesquisadora, mesmo pertencente ao povo Balatipone tive todo o cuidado para realizar esta pesquisa, principalmente com as pessoas que iriam participar das atividades desenvolvidas durante o estudo. Para isso, primeiro organizei uma reunião com a comunidade escolar (Equipe do CDCE) e o cacique, posto que a escola fica na Aldeia Central e a Escola Municipal Indígena Julá Pará não tem um diretor (a). Neste evento, fiz a apresentação do projeto de pesquisa destacando seus objetivos e finalidades. Neste momento foi solicitado, à comunidade presente, a autorização para a realização da pesquisa obtendo uma resposta positiva de todos e assim ficou autorizado o início da coleta dos dados.

A pesquisa foi realizada em dois momentos, sendo que no primeiro ocorreu a entrevista com o professor (a) do 4º ano do ensino fundamental, com roteiro aberto, constando questões sobre as práticas pedagógicas interculturais como parte dos conteúdos da escola, o uso dos trançados do abanador *barukwa* como recurso pedagógico e a importância de trabalhar etnoconhecimentos junto com os conteúdos escolares.

No segundo momento, foi realizada uma oficina com alunos do 4º ano destinada a vivenciar a experiência cultural de confeccionar o abanador, junto do uso pedagógico dos mesmos. Este processo envolveu o professor da turma, os alunos, anciões e artesões em várias etapas, como o planejamento da atividade, a roda de conversa com os anciões, a coleta da matéria-prima na mata, o preparo e confecção dos objetos de acordo com a cultura material Balatipone e, por fim, o registro da atividade relacionada com os aprendizados das ciências e

da matemática ensinada na escola. Inicialmente tivemos uma roda de conversa com todos os participantes da pesquisa onde cada um pôde fazer perguntas e também esclarecimentos sobre o que iria acontecer na atividade de pesquisa. Depois desta primeira orientação, planejamos todos os passos da atividade. No primeiro momento, foi escolhido o local ouvindo os artesões sobre as regras da coleta e a indicação do lugar onde era possível encontrar a matéria prima. A duração da coleta foi de dois dias, sendo que a quantidade de matéria prima coletada foi determinada pela quantidade de alunos, bem como, dos objetos a serem produzidos. Após a coleta, enquanto esperava o material ficar pronto para ser usado no trançado, todos ouviram os anciões sobre a importância dos objetos elaborados, bem com as orientações dos artesões sobre o preparo do material e as formas de trançado. O passo a passo da elaboração dos trançados foi registrado pelos alunos por meio de fotos, desenhos e anotações.

Após a elaboração dos artefatos o professor dialogou com os alunos sobre o que eles aprenderam desde a coleta até o uso dos mesmos. Em seguida, a pesquisadora em conjunto como professor e os alunos fizeram o levantamento dos conteúdos escolares utilizados nesta prática.

Ao termino da atividade, a pesquisadora, de posse de todas as informações e registros, passou a sistematizar os dados que foram utilizados para a escrita deste trabalho, bem como para a confecção do produto educacional, requisitos para a conclusão do curso de mestrado.

2 – CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DO POVO INDÍGENA BALATIPONE

O povo Balatipone, do qual faço parte, não fala mais a língua materna devido a vários fatores, um deles o contato violento com o não índio, mas buscamos manter ela viva através do resgate da cultura e também do que sabemos e aprendemos com os nossos pais, através da escola. Temos muitas coisas da cultura dos nossos antepassados muito bem preservadas e praticadas, tais como as crenças, danças tradicionais, pinturas corporais, artesanatos, a pesca do timbó, comidas e bebidas tradicionais. A nossa identidade é muito forte, ela está muito presente em tudo que fazemos. Nosso ambiente natural é constituído na maior parte de densa floresta e a economia é baseada na agricultura, pesca e artesanato.

No período de 1918 a 1919, o povo Balatipone, esteve muito próximo da extinção física e cultural, situação causada por epidemias e pela violência da política do governo brasileiro para os povos indígenas. Em 1945, restavam apenas vinte e três Balatipone que, até então, resistiam o contato, resguardando suas práticas culturais, graças a essa resistência hoje, temos muito dessas práticas culturais muito vivas no nosso cotidiano. Nesse processo, várias versões podem ser encontradas, mas todas são válidas, uma vez que elas contribuem para contar aquilo que diferencia este povo dos demais povos indígenas.

Durante o decorrer desta pesquisa observamos os caminhos percorrido por este povo para que os seus conhecimentos permanecessem vivos, mesmo diante do medo, opressão social, cultural, linguística e espiritual ao qual foram impostos a eles durante o período de contato e pós contato. Para discorrer sobre a história do povo Balatipone, primeiro vamos compreender como eles surgiram, de acordo com os estudos desenvolvido por um etnógrafo.

Antigamente, Haipuku (Deus) vivia sozinho no mundo e para sua companhia, foi fazer vários experimentos. Primeiro então, ele juntou bacava do campo, fruta macho e fruta fêmea, vai juntando, juntando e juntando e deixa ali. À noite Haipuku, fica assustado com conversas e, quando vai verificar, as frutas tinham virado gente. Haipuku fica muito alegre, satisfeito com os companheiros. Haipuku foi experimentar fruta de figueira de folha larga, juntou, juntou até dar um comprimento, deixando ali de lado. À noite, ouviu conversa de gente e foi ver, a fruta de figueira da folha larga tinha virado gente. Então ele já tinha muita gente. Experimentou novamente juntar fruta da bacava do mato, juntou, juntou e saiu gente de cabelo comprido, dois homens e duas mulheres, dois casais. Para aumentar mais pessoas experimentou com mel de tatá. Saiu um casal com a cabeça pelada. Haipuku já tinha bastante povo, muito povo, criou barriga de perna por dois lados, ficou apavorado e procurou um pé de figueira, então racharam as pernas e nasceram quatro crianças, dois meninos e duas meninas. As crianças não quiseram ir com ele pra sua casa. Haipuku mandou fazer um ametá para as

meninas e um arco para os meninos, aos dois civilizados. A menina civilizada não ajeitou com o ametá e o menino civilizado não ajeitou com o arco. Eles não quiseram ir com ele acompanhar na sua casa. Então o menino e a menina indígena ajeitou com o ametá e o arco. Haipuku falou para eles morarem com ele, em sua casa, mas eles não quiseram ir. Então, Haipuku disse: “Para onde vocês vão?”. Eles disseram: “os civilizados, para a direção do Rio Paraguai, para baixo e as crianças indígenas, em direção ao Rio Bugre para cima”. Assim surgiu a origem da vida do povo Balatipone, Haipuku fez esses experimentos com frutas de bacava e a fruta da figueira, e assim criou companheiros para ele no mundo (Schultz, 1960, p. 09).

Os Balatipone eram considerados hostis e agressivos devido aos seus gestos quando encontravam com os não indígenas, es empunhavam seus grandes arcos e flechas e faziam a intenção de arremesso para o alto. Este gesto que acabou sendo interpretado como intenção de ataque, mas na verdade se tratava de uma forma de saudação,

Estamos reunidos em frente da casa de administração do posto indígena, quando, repentinamente, sem se fazer anunciar, saltam várias figuras da mata próxima, que mais se assemelham a diabos soltos do que a seres humanos. Estão inteiramente pintados de urucum, o corpo vermelho, com largas listas amarelas e pretas atravessando o rosto na altura dos olhos e da boca. Ágeis, pulam para os lados, para trás e outra vez para a frente, aproximando-se mais e mais de nós. Esticam a corda dos arcos, vergando os com a flecha dirigida ameaçadoramente contra nós, pronta a ser arremessada. Ouve-se o estalar da corda, mas a flecha não alça voo, ficando preza entre o indicador e o polegar do agressor. (SCHULTZ, 1953, p.12).

Durante o contato de acordo com Baldus (1946), existe uma remota possibilidade de que a chamada “saudação agressiva”, cerimônia de recepção ao hospede praticada pelos Balatipone, tenha em alguns casos provocado hostilidade por parte de alguns neobrasileiros que desconheciam esse hábito. Sobre esse tempo, minha avó Inês Baconeapé (in memoria), afirma que, após o grande caos causado pela epidemia, os Balatipone que sobreviveram foram levados para o posto fraternidade, onde foram ensinados no modo do civilizado. Ali estes sobreviventes da pandemia que só conheciam sua cultura, foram forçados a deixar de ser quem eram, para serem “civilizados”. Existem comentários de outros pesquisadores que os Balatipone foram obrigados a casar para evitar que sumissem do lugar onde hoje é nosso território. Porém essas afirmativas nunca foram relatadas por nenhum dos nossos anciões que viveram naquele tempo. Quando interrogados sobre este período, sempre relatam que o contato foi pacífico, quando na verdade ele foi violento, agressivo, sangrento, e chegou até cogitar a dizimação do povo Balatipone. Sobre este fato o Padre Nicolau relata que:

Ouvindo eu dizer que o governo de Mato Grosso tencionava organizar uma expedição para exterminar de uma vez os Barbados, eu formulei com o Sr. Roche o projeto de visitá-los na minha volta para ver se poderia travar relações pacíficas e salvá-los assim do extermínio inevitável”. (Badarlotti, 1896, p. 2),

De acordo com DAI/AMTB (2010), o nome dos Umutina, também chamados de Barbados, foi dado pelos vizinhos Pareci que conviviam com eles, que significa “índios brancos”. Entretanto o meu povo se auto dominam Balatipone (que quer dizer: Gente nova).

Sobre a organização social do povo Balatipone, podemos dizer que é baseada na coletividade e que a mulher tem um papel relevante na comunidade. A casa e a roça pertencem à mulher e três ou quatro famílias podem morar na mesma casa. Quanto à posição do chefe ou cacique da aldeia, esta era uma condição estabelecida somente em tempos de guerras. Os casamentos eram decididos pelos pais da moça que escolhiam o homem que deveria, antes de tudo, satisfazer os sogros, se mostrando um bom caçador e também pescador.

Hoje é diferente, mas em grande parte das famílias ainda é a mulher que provem a alimentação e que busca por recursos financeiros com a fabricação e venda de artesanatos ou estudando para conseguir se profissionalizar. Em relação ao casamento, agora passou a ser decidido pelos jovens, que conhecem, convivem e se gostarem de alguém logo se casam sem interferência dos pais. Já em relação à liderança, nos dias de hoje, existe a figura de um cacique escolhido pelo povo da comunidade. Assim como escolhem também podem retirar quando este não está fazendo um bom trabalho. Cada aldeia do território tem um cacique e podem decidir pela sua permanência no cargo ou não. O Cacique tem a função de proteger a aldeia, de cuidar para que todos possam viver com suas famílias em segurança.

Os Balatipone não possuíam a figura de um pajé, porém acreditavam nos seres místicos da floresta que por vezes atribuíam as doenças causados por espíritos maus que vivem na floresta. Havia uma espiritualidade pautada na perspectiva animista em que todos os seres são vivos e por isso dotados de uma força que poderíamos chamar de espíritos. Era na conexão com estes espíritos que todas as decisões eram tomadas. Hoje, no território, os moradores foram catequisados pelo cristianismo e estão divididos entre católicos e evangélicos, mas existe respeito mútuo entre todos. No território, existem 14 aldeias, cada uma tem um cacique e um representante que forma o conselho de saúde indígena local, existem também as associações que algumas aldeias tem com finalidade de barganhar projetos, sendo este de interesse da comunidade ao qual é mantedora.

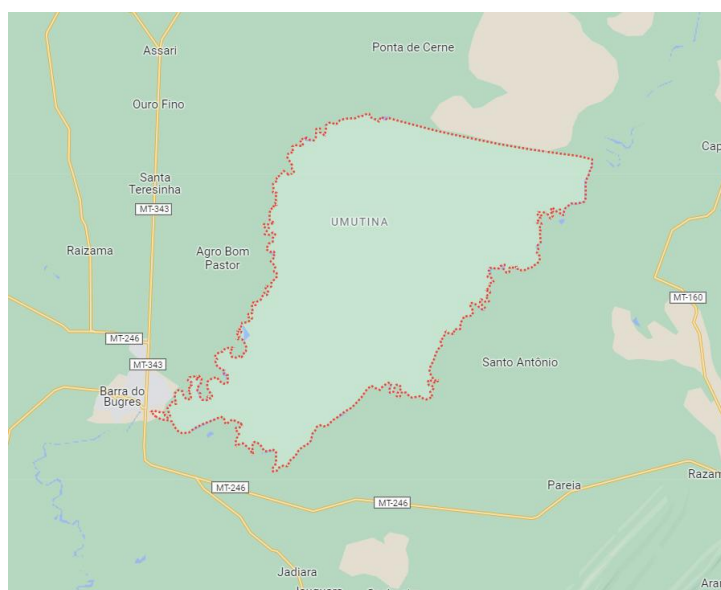
Os moradores das aldeias recebem bolsa família, mas a renda maior vem da venda dos artesanatos confeccionados tanto por mulheres quanto por alguns homens. Algumas famílias tem roças de toco onde é plantado: mandioca, bananas, batata, cana, cará, milho, abóbora e melancia. Algumas aldeias plantam melancias em grande quantidade para venda no município de Barra do Bugres, e temos outras ainda que tem plantação de café, criação de gado de leite e de corte.

A comunidade tinha muitas famílias, porém com a falta de acesso ao trabalho para sustentar as famílias muitos delas migraram para cidade, sendo a capital Cuiabá a preferida pelos indígenas, depois Tangará da Serra e por último Barra do Bugres. Grande parte dos adolescentes que concluíram o ensino médio também saíram da aldeia em busca de novos caminhos profissionalizante, temos muitos adolescentes na faculdade de enfermagem na UNEMAT/Tangará, e na UNEMAT/Barra do Bugres cursando direito e administração.

2. 1 O Território e a População Indígena Balatipone

O Território Indígena Umutina localiza-se no município de Barra do Bugres, região médio norte do estado de Mato Grosso – Brasil. Conta, atualmente, com uma área de 28,126 hectares de extensão, e tem como ambiente geográfico os vales dos rios Bugres e Paraguai. De acordo com a Funai (2019), a Terra Indígena Umutina tem como acesso principal a rodovia MT 246 e está situada a cerca de 10 km da cidade de Barra do Bugres.

Figura 1: Mapa de localização do Território Indígena Umutina



Fonte: Google Maps, 13/02/2024.

Nos dias atuais, a comunidade é constituída por vários povos que foram trazidos por Rondon na época de maior instabilidade do povo Balatipone. Apresenta grande crescimento populacional de 530 pessoas que vivem nas aldeias e dentre elas se destaca a Aldeia Central que possui 08 casarões construídos pelos próprios indígenas no tempo do SPI, (Serviço de Proteção ao Índio) porém a maioria delas já em estado bem degradado pelo tempo existe também a casa grande, a escola e a farmácia que estão sediados em casarões tombados recentemente e que foram reformados através de projetos.

Em tempos antigos, de acordo os Balatipone Axiá (1981, data de falecimento) e Apikoré (1994, data de falecimento) *in memorian*, que sempre fizeram questão de nos contar de onde viemos, relatam que:

Antigamente nosso povo vivia em grandes aldeias e antes do civilizado aparecer, eles moravam próximo ao rio Guaporé, lugar que eles chamavam de “Bolívar”. Um dia eles estavam todos em uma pesca de timbó nas margens do rio e de repente foram surpreendidos por um trovão acompanhado de fumaças. Era uma invasão por parte dos civilizados, muitos morreram e os que conseguiram escapar entraram nas matas e subiram rio acima.

Eles contam ainda que durante esse caminho foram perdendo muitos de seus artefatos e também parte de seus rituais que já não conseguiam mais realizar devido estarem sempre fugindo. Essas histórias foram contadas por eles que quando crianças ouviam dos pais e dos mais velhos que sempre faziam questão de lembrar de onde vieram. Em todas as histórias e relatos dos escritores que citam os Balatipone, apenas uma pequena referência foi feita sobre este processo de deslocamento. De acordo com Herbert Baldus (1946) não é de todo excluído a possibilidade destes povos terem morado, em tempos remotos, ao noroeste do Rio Paraguai, perto das cabeceiras do Rio Guaporé, talvez próximo dos rios barbados e barbadinho que são afluentes do Guaporé.

Nos dias de hoje aprendemos e ensinamos aos nossos alunos que, de acordo com o relato de Schultz (1960), os Balatipone afirmavam frequentemente que antigamente moravam nas margens do rio Sepotuba (kepo), afluente do rio Paraguai, tendo nesta região muitas aldeias e extensos roçados. A Terra Indígena Balatipone, em relação a sua biodiversidade, encontra-se em uma área de transição de floresta e cerrado, com grande potencial de fauna e flora. Do lado esquerdo do território, onde corre o rio Bugres, a área próxima ao rio é cercada de plantação de cana de açúcar e fazendas de gados, e do lado direito encontra-se o rio Paraguai, com suas margens também rodeadas de fazendas de gado. Assim, a TI Balatipone é,

hoje, uma ilha em meio as áreas de cultivos de lavoura e de pastagens para a alimentação de gado. Em virtude dessa condição, muitos acidentes com fogo e outros insumos destes cultivos tem contaminado e destruído parte do território. Como exemplo, podemos citar o que ocorreu no ano de 2021 quando um fogo que iniciou na fazenda do lado do rio Paraguai acabou passando para o território e queimou grande parte das matas levando ao desaparecimento da fauna e flora e até mesmo da matéria orgânica que compõe o solo da floresta.

Já no tocante à população, de acordo com dados da SESAI (2023), existem 515 indígenas vivendo na TI Balatipone, distribuídos em 14 aldeias a saber: Bakalana, Adonai, Massepó, Águas correntes, Acorizal, Cachoerinha, Wapó, Vale do Rio bugre, Barrero, Katãma, Bororpo, São José, Jukuitá e Balatipone. Estas são as aldeias que existem atualmente no território, entretanto também existem outras que estão sendo abertas.

A população é constituída do povo Balatipone, mas também existem pessoas de outros povos que se casaram com membros das nossas aldeias e vieram viver também nas nossas aldeias, como por exemplo: Parecis, Irantxe, Bororos, Nambikwara, Terena, Kayabi, Bakairi e Chiquitano, todos falante da língua portuguesa. Além destes, existem os não indígenas casados com indígenas do território e que também residem nas aldeias. Ainda que tenham outras pessoas, ninguém é tratado de forma diferente pois, ao viver no território, todos aceitam ser denominados como Balatipone. Assim, como outros vieram, também muitos dos nossos jovens acabaram migrando para a cidade em busca de trabalho, ou mesmo os mais velhos que foram acompanhar os filhos para que pudessem fazer uma faculdade. Nos dias atuais, também é notório que a população é formada em sua maioria por jovens e adultos, sendo que o número de idosos e mesmo de crianças está bem reduzido.

2.2 Saberes e Fazeres na Confecção de Artefatos Indígenas

O povo Indígena Balatipone, desde o tempo antigo, produz os mais variados artefatos tanto em cerâmica, quanto em fibras, penugens, madeiras, sementes, ossos (dente), cabelo humano e coco de tucum e babaçu. A cerâmica foi um dos primeiros artefatos confeccionados pelos povos indígenas de forma geral. Destinado para cozinhar os alimentos, estes utensílios eram feitos de argila e queimados em fogo com cinza de taquara (taquara específica). A argila utilizada era retirada da beira do rio Paraguai, da beira do rio Bugres e também, antigamente, da beira do córrego 18. Entretanto, este último, com a grande estiagem, derrubada do açaí e

queimadas, encontra-se seco e não é mais possível coletar a matéria prima para confeccionar artefatos de cerâmica. Ainda que conservemos as técnicas, estes materiais não estão mais acessíveis.

Sobre a técnica de trabalho com cerâmica, foi nos repassado pelos artesões mais antigos que é necessário primeiro fazer a retirada da argila e depois deixar ela descansar. Em seguida, a argila deve ser trabalhada num processo parecido com o fazer pão, ou seja, o barro precisa ser amassado até que se torne uma massa lisa e uniforme. Quando chega nesse ponto, então, já está pronta para a preparação dos artefatos de cerâmica. Depois de moldar, as peças eram colocadas para o processo de queimar denominado “maturação”, conforme Antônio Uapo (*in memorian*). Para isso era feito um buraco no chão e colocado fogo dentro para aquecer bem. Depois retirava um pouco das brasas e colocava folha de bananeira no fundo do buraco e em seguida depositava a cerâmica já preparada com a cinza de taquara e finalmente cobria tudo com terra e folhas, este processo de maturação durava uma noite toda sendo retirados somente no dia seguinte. Hoje esse artefato é produzido somente na escola pelos alunos na semana cultural, com intuito de manter vivo esse conhecimento e não apenas como uma forma específica de conteúdos escolares.

Outra matéria prima utilizada na confecção dos artefatos do povo indígena Balatipone são as fibras obtidas a partir da folha do Buriti³. Dentre estes, podemos citar a confecção de: cestos, abanos, esteiras, apá (artefato de fibra de buriti, taquara, urubamba com formato de bacia, usada para portar alimentos), peneiras, redes, cordas. Para a produção destes artefatos são realizados trançados das folhas desta palmeira que ocorre em abundância na Terra Indígena Umutina. A coleta da matéria prima, que se constitui no talo ou broto do buriti, é feita com a retirada da casca ainda verde, depois é que se faz o processo de estalar⁴ para a confecção de: cestos grandes, pequenos e médios; peneiras e apas. Depois da colheita do broto do buriti, que é carregado em feixes para a aldeia, é dado início ao processo de separação das fibras e dos ramos para, em seguida, deixar secar no sol e no sereno por três dias. Após esse período, o material estará pronto para a confecção de: esteiras, cordas e roupas para dançarinos na semana cultural.

Além do buriti, também é usada a fibra do tucum, uma outra palmeira da qual se faz

³ Buriti é uma espécie de palmeira chamada *Mauritia flexuosa* L.f. que pertence à família botânica Arecaceae cujo fruto produz uma polpa que dá origem ao “vinho” de buriti. Buriti, buritizeiro, miriti, muriti, buriti-do-brejo, caraná e buritirana estão entre os seus nomes populares. (Silva, 2023. p.02).

² Neste processo, segura-se uma ou mais folhas do broto, dobra-se ao meio e puxa-se para baixo. É neste movimento que se separa a seda da palha.

cordinhas para amarrar qualquer artefato confeccionados pelos indígenas. Da fibra desta palmeira são feitos, ainda, bolsas, colares, pulseiras, brincos e/ou vestimentas femininas que são usadas durante a semana cultural. A fibra do tucum é retirada do broto quando ainda bem jovem. Depois da retirada do broto, é realizado o processo de limpeza no qual, com o auxílio de uma faca ou facão, são retirados os espinhos dos brotos. Em seguida, as folhas são estaladas e, após esse processo a palha, é lavada e secada para que no dia seguinte esteja pronta para fiar. O ato de fiar consiste em unir duas sedas transformando-as em cordinhas. Esse processo é realizado na parte superior da coxa da mulher e também do homem.

Outra palmeira que também é muito utilizada é o babaçu. Desta é retirada a fibra para fazer: abanos, cestos, esteiras e outros trançados. Essa fibra é retirada quando ainda é um broto forte e viçoso sem falhas no período da seca, porque ele deve ser secado no sol e, durante a noite, pegar o sereno para ficar macio, facilitando o trabalho. Quando a guia ou folha jovem é retirada da palmeira, também passa pelo processo de estalar. Desse modo, após realizar a coleta das folhas, elas são colocadas ao sol durante três dias para secar, no terceiro dia estala as palhas para secar durante a noite no sereno e assim trabalhar no dia seguinte. Destes artefatos, somente o abanador ainda é confeccionado para uso cotidiano, os demais artefatos são confeccionados somente durante a semana cultural.

Temos ainda os artefatos confeccionados de penas como o cocar *akihano*, colares, brincos, braceletes. As penas mais utilizadas são as do rabo das araras, dos gaviões e dos tucanos. Com estas penas são feitos o cocar, um adereço que normalmente é usado na cabeça durante a semana cultural e outros eventos importantes da aldeia. Já os colares e brincos são feitos com as penas menores. As penas são obtidas normalmente quando se caça essas aves para a alimentação. Então, as penas são aproveitadas para a confecção dos artesanatos. Nos dias atuais, quase não se fabrica mais esses tipos de artefatos devido a proibição da caça dessas aves consideradas aves em extinção.

Existem artefatos que são feitos de madeiras, tais como a espada, arcos, ponta de flechas, gamelas, pratos, animais, banco de assento, remos, canoas, pilão, todos estes usados pelo povo Balatipone desde a antiguidade até os dias atuais. Para trabalhar a madeira para a confecção destes artefatos, se faz necessário a orientação lunar, dependendo de cada época certa para retirada de cada madeira específica. A não observância das fases da lua pode fragilizar ou mesmo não dar condições de uso das peças fabricadas. Além da madeira, também são utilizadas sementes para fazer colares, pulseiras, brincos, cintos, bolsas e prendedores de cabelo. Para a confecção destes artefatos a coleta acontece somente no mês de

junho a setembro, período de seca em que grande parte das árvores produzem frutos e sementes.

As sementes são coletadas e limpas, depois selecionadas por formatos, cores e tamanhos e expostas ao sol para finalizar a secagem, o que garante uma durabilidade maior. Inicialmente, os colares eram feitos para uso cultural, mas, com o tempo, passamos a produzir para comercializar. Assim, no início, as sementes eram coletadas próximo das aldeias, mas, com o passar do tempo, era preciso ir longe para coletar, inclusive se aventurando para fora do território indígena. Devido as grandes queimadas que aconteceram no território por três anos seguido, muitas árvores que produziam as sementes morreram. Também já não era mais possível contar com as sementes de fora do território, pois as fazendas cortavam as árvores para fazerem seus plantios. Hoje, já não coletamos sementes, passamos a comprar pela internet e produzir artesanatos para comercializar como forma de geração de renda para as famílias. Mas ainda confeccionamos os artefatos que representam nosso povo e que por isso também continuam a serem utilizados na semana cultural e em outros eventos da aldeia.

Outro produto da floresta que também é muito usado são os cocos que, por ter a casca da amêndoa bastante dura, pode ser utilizada como matéria prima na confecção de anéis, brincos e cintos. Existem dois tipos mais usados: o coco de tucum e o de babaçu. Para fazer as peças de coco de tucum primeiro é feito a coleta dos coquinhos, que pode ser no mesmo local aonde foram coletadas as palhas para os trançados. No caso do Tucum, é preciso recolher a fruta madura do coco e deixar na água para a limpeza que é feita com água e terra. Depois dessa etapa o coco é cortado ao meio e com estas partes são confeccionadas as mais variadas peças. No caso do babaçu, a coleta é semelhante, mas a limpeza é feita com auxílio de uma faca. Depois de limpos, os cocos são cortados ao meio e depois são utilizados para os mais diversos formatos, de acordo com a criatividade do artesão.

Por fim, os artefatos de ossos e dentes, que são utilizados como adorno pessoal e dificilmente são comercializados. Hoje, é raro encontrar um colar ou brinco feito com estes materiais e normalmente só aparecem no evento da semana cultural. Porém os anciões relatam que, antigamente, os Balatipone usavam grandes colares de dente de porco do mato, caititu, macacos e jacarés. Quando matavam estes animais e consumiam a sua carne, eles aproveitavam os dentes para os adornos pessoais. Além dos artefatos de partes de animais, também existe, na história do povo Balatipone, o relato de que eram usados cabelos humanos para fazer colares. Estes colares eram feitos do cabelo das mulheres que os deixavam crescer para cortar e fazer colar para seus maridos. Este artefato não é mais produzido.

2.3 O Processo de confecção do *Barukwa*

Para tratar deste processo, vamos conhecer a palmeira que fornece a matéria prima para a elaboração deste artefato, cuja história articula dois aspectos fundamentais e articulados que garantem a existência do Povo Balatipone, assim como de qualquer povo indígena que é a relação entre o ambiente e a cultura. O abanador é a síntese dessa relação, pois se constitui num artefato cultural que representa o saber do povo Balatipone condicionado pelo ambiente que fornece esse tipo de material do qual foi possível apropriar-se e dar a ele um fazer e um uso de práticas culturais.

Este objeto é elaborado a partir da palmeira do Babaçu *Attalea speciosa*, pertencente à família das palmeiras *Arecaceae*, que é dotada de frutos drupáceos com sementes oleaginosas e comestíveis das quais se extrai um óleo, empregado sobretudo na alimentação e remédios. Além disso, as palhas adultas desta palmeira são usadas pelos indígenas para cobrir a casa e os brotos (folhas novas) são usados na confecção do *barukwa*, dentre outros.

O Território Indígena Balatipone, tem grande parte de sua área coberto pelas palmeiras de babaçu, sendo que no coração do território se encontra a maior concentração, que se estende deste o ponto situado no oeste até o leste e o norte do território.

As mulheres indígenas do território chegaram a elaborar um projeto para extração do óleo do babaçu, que foi entregue à primeira dama do Estado de Mato Grosso, Virgínia Mendes em 21.10.21, mas nunca tiveram resposta. Entretanto, o uso desta palmeira continua sendo muito importante tanto para a produção dos artesanatos destinados à comercialização, quanto para a fabricação de utensílios que são utilizados pelo povo, como é o caso dos trançados.

Figura 2: Palmeira Babaçu (*Attalea speciosa*) localizada no Território Indígena Umutina



Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2023.

O uso da palmeira do babaçu é realizado de forma cuidadosa e criteriosa para que as plantas continuem vivas e produzindo ano a ano. Sobre a coleta, os artesões relataram:

Sempre realizamos a coleta no período da manhã. Saímos bem cedo e adentramos na mata até chegar no capão aonde tem muitas palmeiras ainda jovens com folhas e brotos viçosos. Ai a gente corta o broto novo, ainda fechado. Junta tudo e carrega nas costas até em onde casa para então estalar os brotos. Para isso, vai abrindo as palhas (uma a uma), deixando tudo no sol para secar por três dias. Depois, deixa no sereno por uma noite e no dia seguinte já está pronto para fazer os trançados. (artesão, 2023).

Existe uma preocupação em garantir que a palmeira possa se recuperar depois da retirada do broto. Para isso, existe uma técnica de colheita que foi explicada pelo ancião:

Uma lição importante que vocês precisam aprender é que quando vão cortar os

brotos, é preciso prestar atenção nas palmeiras. Tem que tirar os brotos intercalando as palmeiras, por exemplo: quando vai cortar, tem que olhar bem para ver aonde foi tirado o broto da outra vez e então não pode retirar dessa palmeira de novo. Tem que esperar ela se recuperar. (Ancião, 2023).

Esse cuidado garante a continuidade da existência da palmeira para que seja possível continuar a fazer o abanador e também os demais artefatos indígenas que necessitam desta matéria prima. Pode ser considerado como uma forma de manejo que permite o uso sustentável da palmeira tanto nos aspectos culturais como econômicos e ambientais. Essa articulação está prevista nos princípios do desenvolvimento sustentável, ainda que este conceito com bases desenvolvimentistas tenha sido amplamente criticado por Sahlins (1997), Albert (2000) e Pimenta (2004), principalmente em se tratando de povos indígenas.

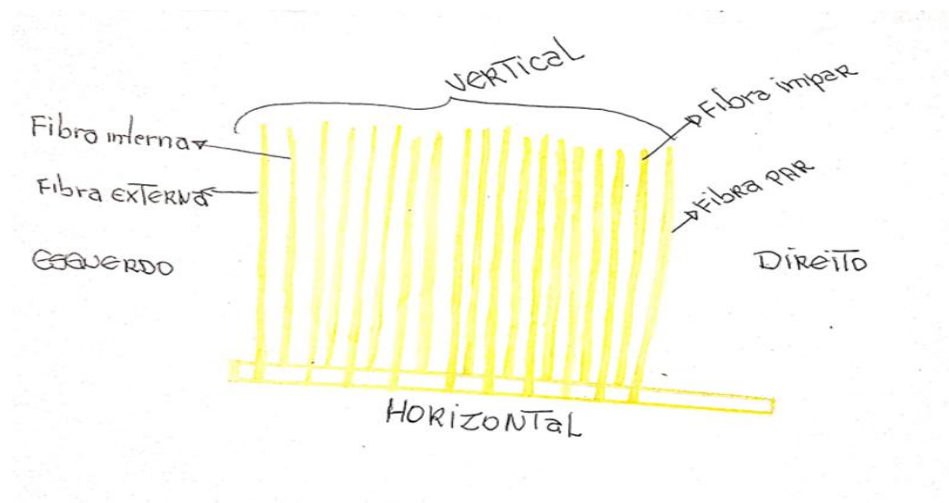
Mesmo assim, esse debate em torno da necessidade de se articular as dimensões da vida humana se tornou uma necessidade premente de que é preciso aprender com os povos da floresta como é possível manejá-la atendendo todas as suas necessidades, sem destruí-la. Pelo contrário, é um uso que também garante a continuidade da existência das espécies necessárias tanto para os aspectos alimentares, como de proteção e outras dimensões da existência humana, de acordo com sua cultura.

Neste sentido, o trançado que se faz a partir da folha da palmeira tem em si uma continuidade da planta, mas também da cultura, pois ainda que se tenha inovado muitos aspectos da vida, o abanador segue as mesmas técnicas dos antepassados. Conforme apresentado na figura a seguir, observamos que a lógica que dá formato à peça tem seus fundamentos nos conhecimentos matemáticos e nas condições ambientais do material que é utilizado.

2.4 O *barukwa*

Trata-se de uma peça muito importante pois, além de ter um uso material, é também um artefato tradicional que nos remete aos conhecimentos ancestrais, sendo que, na cultura Balatipone, era feito para uso doméstico. O abanador tinha muitas funções, tais como servir para avivamento do fogo e até como suporte para os alimentos. Elaborado a partir das folhas do babaçu, esse artefato apresenta um processo de preparação até se tornar como está apresentado na figura a seguir:

Figura 3: Desenho da folha da palmeira pronta para realizar o trançado do *barukwa*



Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Conforme apresentado neste desenho, esta é a forma como a palha deve estar antes de iniciar o trançado. A confecção é iniciada no primeiro horário da manhã, pois, neste momento, as palhas se encontram macias devido ao sereno da noite. O Artesão pega o ramo inteiro, conta as folhas, sempre de duas em duas, e no final separa apenas uma. Para confeccionar um *barukwa* pequeno, é necessário um ramo com 19 folhas (fibras). O trançado envolve duas retas, sendo uma vertical e a outra horizontal, que são movimentadas de forma alternada do lado direito para o esquerdo e vice-versa. No movimento do trançado, a pessoa passa a fibra impar por entre as fibras externas e internas, sendo uma por dentro e a outra por fora, até a última fibra. Da mesma maneira, dobra-se uma fibra do lado esquerdo e repete-se o trajeto da primeira fibra e assim sucessivamente até o final. Para fazer os acabamentos, precisa dobrar as fibras, uma de cada lado.

Neste processo, é importante ressaltar que é preciso ter atenção para colocar as fibras de forma bem ajustadas, assim, o trançado fica firme e a peça tem maior durabilidade, não sendo fácil de desmanchar. Esse cuidado deixa a peça mais resistente e bonita. Depois de pronto, o abanador tem vários usos, sendo mais comum a função de acender o fogo ou avivar as brasas.

3. A EDUCAÇÃO ESCOLAR BALATIPONE

Nas últimas décadas, com o processo de implantação de escolas nas aldeias, muito se tem falado de uma educação escolar indígena que, de acordo com os documentos do sistema educacional, se trata de uma educação especificamente voltada para a população indígena, respeitando suas especificidades culturais e procurando preservar suas culturas tradicionais. Assim, ao falarmos de educação escolar indígena, estamos pressupondo que, nas escolas que existem dentro dos territórios indígenas, existe uma valorização de suas línguas e a recuperação de suas memórias antigas, isto é, devem estar amparadas por leis que asseguram aos povos indígenas uma educação específica e diferenciada, levando em consideração a especificidade de cada povo. Contudo, o processo histórico de lutas percorridas pelos povos indígenas em busca de uma educação que de fato contemplasse todos os valores culturais, conforme apresentada no artigo 210 da constituição brasileira de 1988, nos deixa duas indagações: A escola pode ser considerada como um espaço destinado a Educação Escolar Indígena, porque atende aos povos indígenas, tanto na sua estrutura quanto em seus conteúdos, ou porque simplesmente encontra-se em um território indígena?

Alguns autores nos oferecem a possibilidade de refletir sobre estas questões, indicando que o processo de implantação das escolas nas aldeias com o objetivo de escolarizar os povos indígenas não levou em consideração o que pensam e nem mesmo o que vivem estes povos. A escola que foi para a aldeia é a mesma escola que existe em qualquer espaço. Assim, como também o currículo desta escola será o mesmo, pois, conforme Grupioni, (2008) a Base Nacional Curricular Comum, que deveria ser esta possibilidade, já que a mesma foi elaborada recentemente, infelizmente continuou a se constituir em um entrave no que diz respeito a educação escolar indígena, porque simplesmente não ouviu os povos indígenas. Neste sentido, Baniwa (2012) alerta para a necessidade de o Estado ouvir os povos para conhecer suas demandas e saber como eles pensam a educação. Só assim, poderia produzir documentos e orientações que dialogassem com uma educação indígena e não apenas para uma educação dos indígenas.

Com base nestas afirmativas de Grupioni e Baniwa, os Balatipone também entendem e acreditam que só através da educação será possível garantir à população indígena o exercício pleno da cidadania e da interculturalidade, o respeito às nossas particularidades linguísticas e socioculturais. Deste modo é que sempre estiveram atentos não só para a existência de uma escola, mas sim que essa escola representasse os anseios do povo, bem como fosse representativa em relação ao nome escolhido para a escola. Ao desenvolver esta

pesquisa, foi muito importante entender como a escola poderia ou não contribuir para uma proposição de trazer como tema gerador um assunto que faz parte da cultura do povo e por isso estar imbuído de sentidos e significados.

3.1 Uma Escola Balatipone

Na Aldeia Central Umutina, fundada na época de Rondon como Aldeia Central, encontra-se a escola Estadual/Municipal Julia Paré, onde todos os alunos de outras aldeias vêm para estudar o Ensino Fundamental e Médio. As aldeias Bakalana e Massepo tem escolas que atendem da Educação Infantil ao 5º ano.

De acordo com PPP da Escola Municipal Indígena Julia Pare, a história da Educação Escolar Indígena entre o povo Balatipone começou muito antes da criação desta Escola Municipal Indígena Julia Paré, mantida atualmente pelo município de Barra do Bugres.

Portanto, é de extrema importância nos remetermos ao passado, uma vez que a implantação do ensino escolar entre o nosso povo faz parte da nossa história. A primeira escola na nossa aldeia foi construída no ano de 1943 pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Foi feita com material de alvenaria, fabricados na própria aldeia pelos indígenas.

Figura 4: Imagem da fachada da Escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo da Escola Municipal Indígena Julia Paré, 2023.

Esta escola recebeu o nome de Otaviano Calmon, em homenagem ao “Chefe de Posto” funcionário do SPI, que tinha o mesmo nome. Segundo Huare (2010), constata-se que a referida Escola Municipal Otaviano Calmon, da Aldeia Umutina, foi criada pela lei municipal nº 651/83, em 20 de setembro de 1983, pelo Município de Barra do Bugres. A escola atendia da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, em regime multisseriado, e a Educação Infantil. As aulas não eram mantidas com regularidade devido à falta de professores que não se adaptavam a vida na aldeia, dessa forma, prejudicando a vida escolar dos alunos.

A educação escolar ofertada nesse período, conforme a ideologia da época, buscava a “integração dos índios à Comunidade Nacional” Em outras palavras, era uma educação que tinha como objetivo a aculturação dos indígenas. Eram ensinados apenas objetos de conhecimento fora da realidade indígena Balatipone. A língua, os rituais e os costumes eram severamente reprimidos. A ordem deveria ser mantida a qualquer preço, o chefe de posto chamado Otaviano Calmon, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), comandava tudo com “mão de ferro”. Com a extinção do Serviço de Proteção ao Índio, a escola passou a ser mantida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Essa realidade se manteve até por volta da década de 1980. Então começaram a ter algumas mudanças a partir do ingresso dos professores Filadelfo de Oliveira Neto e Maria Alice de Sousa Cupudunepá, moradores da aldeia, sendo os primeiros indígenas a lecionar na Escola Otaviano Calmon que até então fora comandada por não indígenas.

Nesse período, a escola passou a ser mantida pela Prefeitura Municipal de Barra do Bugres/MT e a demanda dos estudantes passou a aumentar a cada ano. Os estudantes que concluíam a quarta série tinham duas opções: paravam de estudar ou tinham que estudar nas escolas públicas do município de Barra do Bugres, no qual este povo pertence como munícipe, enfrentando inúmeras dificuldades como falta de transporte, falta de condições para comprar os materiais escolares exigidos, as más influências, os preconceitos, a discriminação, o afastamento de suas famílias e, conseqüentemente, ficava mais distante de sua cultura e de seus costumes, entre outros.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Julia Pare, (2022), no ano de 2005, foi feita a mudança de denominação passando de Escola Municipal Otaviano Calmon para Escola Municipal Indígena Julia Paré, em 24 de junho de 2005, pelo decreto nº 6013 D.O de 24/06/2005, pagina 21 a 22. A escolha do novo nome da escola foi realizada em função da nova identidade da escola que passava a ter no seu corpo

docente professores indígenas. Assim a escola recebe o nome do ancião Jula Pará⁵, filho de Jukuepa e Kokolotó, em homenagem ao homem que deixou como legado a defesa das práticas do povo Balatipone. Em 2013, foi iniciado a construção do novo prédio da Escola Indígena Municipal Jula Pará que levou oito anos para concluir, sendo inaugurada em dezembro de 2020, no período da pandemia (COVID-19).

Figura 5: Prédio da Escola Indígena Municipal Jula Pare



Fonte: Acervo da Escola Municipal Indígena Jula Pará, 2023.

Escola Municipal Jula Pará teve seu primeiro prédio construído na década de 1940. Foi construído pela comissão Rondon. Este prédio foi utilizado como sala de aula da rede municipal Escola Otaviano Calmon desde o ano de 1940 até a construção e inauguração do novo prédio que se deu no ano 2020. Em 14 de dezembro de 2020 foi inaugurado um novo prédio com 2 salas de aulas, 2 banheiros masculino e feminino, 1 cozinha e 1 sala de professor.

⁵ Conforme o PPP da Escola, onde descreve a biografia do Patrono da Escola, a denominação da Escola Municipal Indígena Jula Pará, significa uma homenagem legítima a um membro tradicional, originário do povo Balatipone, nascido em 16/12/1916. Este líder viveu o tempo das malocas, que eram espalhadas pela região. Amava, respeitava e valorizava os conhecimentos sobre a natureza. Ele era conhecedor das histórias e mitos sobre a humanidade Balatipone, que eram contadas por ele e que faziam parte de sua vida. Jula Pará, um homem guerreiro Balatipone que contribui muito para a reconstrução dos saberes da ancestralidade dos Balatipone. Schultz, em sua informação etnográfica sobre os Balatipone, apresenta nomes dos Balatipone que viviam nas malocas em 1944. Entre eles, o Jula Pará que viveu com seus familiares aos 15 anos de idade, filho de valentes guerreiros que resistiram até o último fim da vida não aderiram aos modos dos não indígenas o Jukuepa e Kokolotó. No dia 24 de novembro de 2003, o Jula Pará faleceu. Segundo as pessoas da comunidade, foi de morte natural.

Quanto a coordenação/diretoria essa não é contemplada com a função, devido o número de alunos muito baixo, sendo assim a escola Jula Pará é coordenada por um profissional da Secretária de Educação do município de Barra do Bugres/MT, responsável em coordenar tanto a escolas indígenas como quilombola (escolas do campo).

Regime de funcionamento: Ensino Fundamental anos iniciais e Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º, 2º, 3º 4º e 5º ano) apenas turno matutino, organizado em sistema Multiseriado, com duração de 04 horas. A Educação Infantil (Pré I, Pré II e 1º Ano), (2º e 3º ano) e (4º e 5º ano). Nas salas de extensão (Bakalana e Massepó), as turmas são Multiseriados desde a Educação Infantil até o 5º ano. A entrada é das 07:00 horas e a saída é 11:00 horas, com o intervalo de 15 minutos para o lanche. O horário das aulas é flexível conforme a demanda e as necessidades de atendimento aos estudantes.

Corpo profissional é composto por quatros (04) professores, sendo dois (02) na escola da Aldeia Umutina, um (01) Aldeia Bakalana e um (01) Aldeia Massepo. Conta ainda com outros profissionais da área de serviços gerais e merendeiras, sendo em Massepo e Bakalana uma (01) em cada unidade fazendo o papel de auxiliar de limpeza e merendeira, na Aldeia Umutina tem uma (01) merendeira e um serviço gerais.

O Projeto Político Pedagógico foi construído de forma coletiva e tem como objetivo nortear o processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica da Escola Municipal Indígena Jula Pará. A proposta do trabalho tem por finalidade atender a comunidade indígena Balatipone, conforme a realidade sociolinguística, econômica e cultural de interesse da comunidade.

A concepção da autonomia escolar nas áreas tanto administrativa como pedagógica é pautada nas orientações do Ministério de Educação e Cultura (MEC), Conselho Municipal Indígena (CEI) e Secretaria Municipal de Educação de Barra do Bugres –MT, a respeito da necessidade de construir experiências autônomas e caracterizadas pelo respeito às práticas dos saberes tradicionais e costumes da comunidade indígena, que deve ser comunitária, interculturais e diferenciadas.

Como observamos no histórico da escola, sempre houve uma preocupação com o impacto da educação indígena que se mistura à necessidade de ter uma educação escolar para os mais novos. Assim, a minha história também é cruzada por essa necessidade tanto do saber de fora da aldeia como da cultura do povo Balatipone.

4. UMA EXPÊRIENCIA DIDÁTICO PEDAGÓGICA A PARTIR DO TRANÇADO BALATIPONE COMO TEMA GERADOR

Todos os conteúdos abordados na escola costumam estar organizados em disciplinas que, por sua vez, compõe o currículo escolar presente no PPP da escola e que tem por base orientativa documentos como a BNCC (2018), é um documento que define as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras de toda a Educação Básica, da Educação Infantil até o Ensino Médio, RCNEI (1998), é um documento que foi elaborado pelo Ministério da Educação em 98, servindo de base para as discussão e de uso obrigatório entre outros. Como determinado pela legislação atual, é recomendado que até 30% dos conhecimentos trabalhados contemplem as questões locais e regionais. Deste modo, como já previsto no RCNEI (1998) as escolas indígenas podem inserir nos seus currículos conhecimentos e saberes tradicionais.

A primeira inserção está voltada para a língua materna, traço fundamental para o acesso a cultura e seus desdobramentos sobre a vida prática na aldeia. A partir desta presença fundante, podemos tratar outros saberes que estão sempre relacionados entre si, articulando a dimensão do pensar e do fazer material e imaterial. Assim, este estudo se pautou no interesse em trazer a proposta educacional freiriana na qual todos os saberes podem estar presentes em uma temática que, ao ser desenvolvida, alcança todas as dimensões da vida.

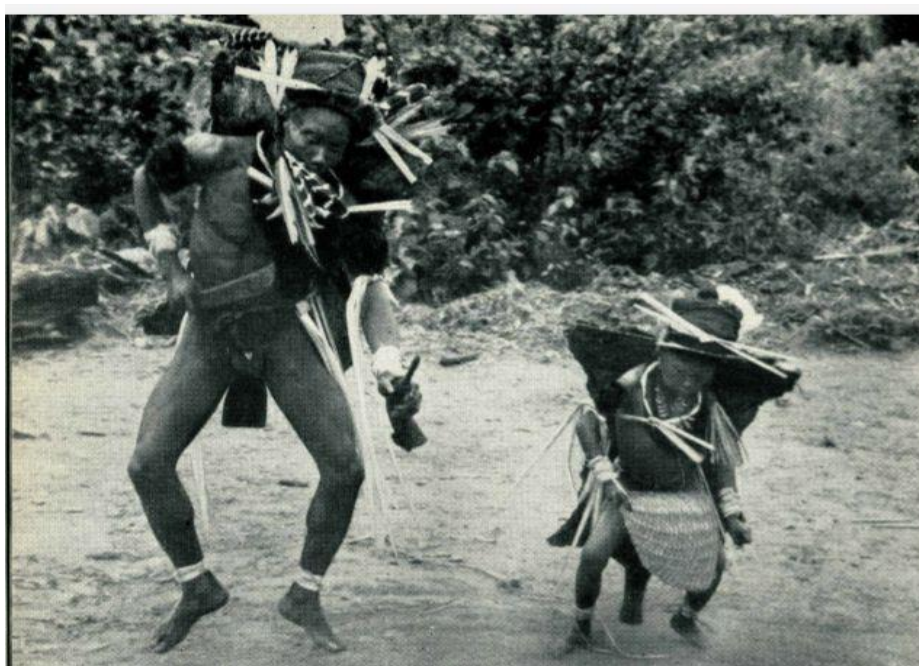
Na proposta de Freire (1985) não há remendos para uma prática pedagógica no sentido de unir partes diferentes por justaposição de disciplinas isoladas. Nem mesmo a obrigatoriedade de produzir uma semelhança entre visões que são diferenciadas. Ele concebe a interdisciplinaridade a partir do diálogo e da interação de saberes que podem tanto concordar como se opor um ao outro no processo de transformação da realidade que é estudada pelo aluno. Através desta tese do autor, compreendemos que os saberes podem caminhar lado a lado, d deste modo entendemos que não existe hierarquia de saberes, mas sim uma construção na qual nenhum sabe mais que o outro.

Ao buscar trabalhar com o tema gerador voltado para os artefatos – abanador e outros trançados fabricados pelos povos Indígenas Balatipone –, dentro de uma perspectiva de ensino tanto das ciências, quanto de outras áreas, observamos que os alunos, bem como os

país, ao longo do tempo, mantêm os conhecimentos e saberes sobre os artefatos fabricados através de fibras vegetais, ainda que, hoje, estes sejam pouco fabricados.

Os artefatos produzidos tinham uma relação intimamente ligada a ações culturais, na qual o abanador era usado pelos antigos para portar alimentos, abanar o fogo, mas também como parte dos rituais e das danças. Na imagem apresentada a seguir, temos um exemplo do uso do abanador pelos dançarinos em cerimonial festivo. Na gravura, podemos observar um homem adulto dançando junto com uma criança e ambos usam adereços feitos de palha trançada. O autor da foto informou que se trata de pai e filho e que a criança usa um abanador em sua mão direita.

Figura 6: Pai e filho Balatipone realizando dança tradicional



Fonte: Schultz (1962).

Outra imagem que faz referência ao trançado e as esteiras está no mesmo livro de Schultz (1962). Nesta imagem, está Atukaré sentado sobre a esteira, ao mesmo tempo em que confecciona com a fibra de buriti símbolos de arraia e outros peixes.

Figura 7: Figura de um homem Balatipone confeccionando artefatos de palha de buriti



Fonte: Schultz (1962).

A esteira sempre fez parte do cotidiano dos Balatipone e é usada para dormir, sentar-se, enterrar os mortos. Entretanto, existem menções no texto de Schultz (1962, p.139) sobre uma função para além das apresentadas para a vida prática:

A presença e uso constante de uma peça servindo nas mais diversas situações da vida prática e diária, ao invés de facilitar, poderia dificultar uma pesquisa quanto as suas possíveis atribuições mágicas e ligações com o sobrenatural. Se analisarmos, entretanto, os mitos colhidos entre os Balatipone, encontraremos numerosas referências a esteira grande de palha de buriti, que nos aparece sempre ligada a fatos extraordinários, tais como: fazer ressuscitar, transformar uma animal em ser humano ou criar vida originariamente; nunca esse objeto é citado simplesmente como útil para sentar, deitar ou dormir.

Como tratado aqui, neste exemplo sobre os usos dos trançados do abanador e do cesto, bem como da esteira, podemos observar que essas dimensões se fazem presentes nos

saberes apresentando-se intimamente articuladas entre si.

Ao refletirmos sobre os trabalhos que são desenvolvidos na escola, é possível sinalizar para a existência de um processo interdisciplinar que naturalmente já está presente quando a escola se propõe a trazer seus saberes culturais para a escola. Afinal, o sujeito que aprende tem em si todos os saberes do seu povo. A experiência apresentada permite não só conhecer e compreender como se dá o processo de transição interdisciplinar entre os conhecimentos indígenas e do povo Balatipone, mas também de como estes podem dialogar com os conteúdos escolares pautados no conhecimento ocidental. Deste modo, partindo da experiência realizada com os alunos sobre o ensino da geometria presente na confecção do abanador, conforme citado anteriormente, entendemos que existe uma conexão entre esses saberes, pois as atividades de trançados são ricas em conceitos matemáticos, geométricos e outros.

Mas não se encerram somente nesta área, pois, para o processo de trançado, é preciso realizar a coleta de material que é feito na natureza. A coleta traz muitas informações sobre os materiais que os constituem e suas relações com o ambiente onde o povo está inserido, adentrando em conhecimentos das ciências biológicas. Essas experiências são agregadas ao currículo escolar visando o conceito de Freire (1985) de que toda forma de ensinar por meio daquilo que o aluno já conhece no mundo em que rodeia, pode ser considerado “Educação Libertadora”, ou seja, trabalhar com tema gerador a partir da realidade do cotidiano dos grupos, é fazer a interdisciplinaridade, é, em última análise, promover um diálogo entre os saberes que vão ressignificar o entendimento de ambos. Esta pesquisa também reafirma o princípio educativo assegurado pela constituição de 1988 de que os povos indígenas, tem o direito a uma educação diferenciada pautada aos costumes e tradições, valorizando os seus conhecimentos. Isso resulta na defesa da ideia de que o trabalho com os saberes indígenas presentes na escola são também a porta de entrada para que os próprios indígenas se tornem educadores neste espaço, que ainda tem serias restrições aos saberes populares.

De acordo com Zitzoski (1996), a problematização do mundo através da metodologia do Tema Gerador visa a oportunizar, nesse sentido, a construção de um conhecimento inovador, capaz de captar o dinamismo da realidade e as transformações intrínsecas ao processo dialético da relação consciência-mundo.

Neste contexto, procuramos conhecer as percepções do professor da turma na qual seria desenvolvido a atividade. Para isso, realizamos uma breve entrevista com questões

relativas a prática pedagógica e os conceitos que fundamentam a prática do professor. Vale ressaltar que o professor já tinha experiência em trabalho com tema gerador, entretanto não havia registrado antes cada etapa do processo e por isso, também não havia sido oportunizado uma reflexão teórico-prática de um experimento como o que foi proporcionado com a presença da pesquisadora e de outros membros da comunidade.

No primeiro momento falamos sobre a experiência que seria realizada e sobre como deveria ser a participação dos alunos e, então, passamos para os questionamentos. Foi perguntado ao professor sobre qual seria a importância de abordar etnoconhecimentos nas escolas indígenas e ele respondeu:

Acredito que toda forma de ensinar do povo tem sua importância para a escola, uma vez que ela valoriza os conhecimentos dos mais velhos, sendo esses ensinamentos através da oralidade ou através da repetição. Os alunos aprendem observando tudo que os mais velhos fazem. Então, na construção de um simples colar de semente, os alunos aprendem a contar, aprendem sobre história da semente, aprendem a localização da planta mãe. (nome do Professor, 2023).

O respeito pelos idosos da aldeia é uma premissa que ocorre em todos os povos indígenas do Brasil. Isso porque, para os indígenas, o saber é construído em longos anos de vida e somente com muitos anos é que pode ser adquirido. De acordo com Brastolin e Oliveira (2014), a confiança é o elemento primordial para que as ordens sejam aceitas, recebidas e ouvidas como conselhos, processo esse que acontece com todos da aldeia, independentemente da idade. Essa confiança, conquistada em muitos anos, permite que uma pessoa mais velha, ao perceber uma atitude inadequada de uma pessoa mais jovem, imediata e oralmente, chame sua atenção, pois o indígena aprende que o aconselhamento é parte de sua história coletiva e individual que pertence a um grupo.

Para o questionamento feito sobre as práticas pedagógicas interculturais e a sua importância na escola Jula Pará o professor afirmou que

As práticas pedagógicas culturais que estão presente na escola Jula Pará são de fundamental importância não só para os alunos, mas para nós professores que também aprendemos ao fazer parte do sistema educacional junto dos mais velhos na elaboração do planejamento de aula, só assim não deixaremos morrer a nossa história. (Professor, 2023).

Sobre a importância da presença dos anciões nas escolas, Vilarim et al (2022) afirma que as pessoas idosas têm a responsabilidade de transmitir aos mais jovens o seu conhecimento, servindo-lhes, além disso, de modelo em termos de conduta social. Nesse sentido, cabe aos professores a aproximação entre os educandos e os anciões, promovendo o

diálogo e a ligação entre os conhecimentos tradicionais e conhecimentos de fora da aldeia.

Considerando que as práticas interculturais são uma forma diferenciada de elaborar teorias e práticas educativas, problematizando-se a urgência da valorização da diversidade cultural nos espaços escolares, perguntamos ao professor indígena como ele considerava a existência dessa prática pedagógica na escola?

Eu considero muito importante porque quando trabalhamos as práticas interculturais estamos ampliando os horizontes para que assim os alunos obtenham conhecimentos suficiente para o seu crescimento em sociedade, buscando novas formas de aprendizagem e entendendo o meio em que vive. (Professor, 2023).

A importância apresentada pelo professor se baseia na ideia de que a perspectiva intercultural implica em uma compreensão complexa de educação, que busca entender e promover lenta e prolongadamente uma formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados que orientam a vida das pessoas. (Fleuri, 2002, p. 11). Por isso, a prática é tão relevante para os povos indígenas, que tem como premissa o acesso ao mundo dos brancos pela formação escolar. Mas, eles também desejam ter seus saberes e práticas culturais ensinado aos jovens. Neste sentido, perguntamos ao professor sobre como os trançados do abanador (*barukwa*), cesto (*katolokwa*), podem ser utilizados como tema para o ensino em sala de aula.

Tudo na escola é como uma diversão quando trabalhamos com nossa cultura. É neste momento que eles aprendem, primeiro junto dos mais velhos. Os alunos buscam a matéria prima, aprendem o processo de “estalar”. Só após tudo preparado, damos início a confecção. Um a um vai pegando seu ramo e prestando atenção no seu orientador ancião. As práticas vão se enquadrando de forma similar, ao mostrar que o ramo deve ficar na posição plana e a primeira palha deve iniciar em lado horizontal e vertical, assim entrelaçamos os conteúdos da geometria com conhecimentos tradicionais do povo Balatipone, esse artefato é produzido de vez em quando, as vezes, na semana cultural, trazemos pra sala de aula para que os alunos tenham essa vivencia. (Professor, 2023).

A cultura acessa conteúdos substanciais para a educação e a presença dos mais velhos é condição primeira para que a cultura seja acessada tanto pelo conteúdo, quanto pela forma. Educação e cultura estão intrinsecamente relacionadas, assim, uma não pode ser pensada sem a outra. A fala do professor está embasada na ideia defendida por Maidana (2023) de que a cultura é um elemento que nutre todo o processo educacional e que tem um papel de suma importância na formação de um indivíduo crítico e socializado. A partir dessa premissa levantada pelo professor, planejamos o trabalho com um tema gerador tendo o processo de confecção e uso de artefatos como prática cultural e pedagógica na Escola Municipal Indígena

Jula Pare com alunos do 4ºano do Ensino Fundamental.

4.1 Planejamento com as Crianças

Os doze alunos participaram da pesquisa pertencem a turma do 4º ano do Ensino Fundamental, que tem como professor Valdevino Harinson Amajunepá, que trabalha há 15 anos nesta escola e que sempre acessava este trabalho via processo seletivo, mas, recentemente, ingressou por concurso no município de Barra do Bugres/MT.

No primeiro, conversamos com os alunos sobre a importância da pesquisa para o povo e do ensino a aprendizagem, através dos trançados do abanador, do cesto e também da esteira. Depois desta conversa inicial, passamos para os preparativos para a coleta dos materiais.

a) Todos foram avisados para que viessem preparados para ir até a mata fazer a coleta da matéria prima (sapato fechado, chapéu ou boné, blusa de manga larga, garrafa de água);

b) Foi explicado aos alunos sobre a necessidade de realizarem o registro da atividade com imagens feitas por eles mesmos;

c) Foi elaborado um caminho da aldeia até a área de coleta com a indicação de pontos de referência que todos conhecem.

No dia e hora marcados, os alunos iniciaram a caminhada na trilha da aldeia até o local onde existe as palmeiras de babaçu sob a orientação da anciã que, nesta etapa, ensinou sobre a distância, o solo, os animais e as plantas existentes no percurso.

Figura 8: Imagens da coleta dos materiais para produção do transado: Artesã cortando o broto na presença dos alunos que a observam



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

A artesã foi na frente indicando o caminho a ser percorrido. Enquanto caminhava, fazia a orientação sobre o processo de coleta. Logo no início da caminhada, sua fala aborda os brotos e o local ideal para a coleta:

Os brotos devem ser colhidos pela manhã e servem aqueles brotos bem viçosos e sem falhas e também aqueles de tamanho médio. Para encontrar os melhores brotos, é preciso ir até na região do coração do território que tem muitas palmeiras de babaçu, onde os brotos são bem saudáveis. Eles têm fibra larga e bonita. (Gracilda Gonçalves Amajunepá, 2023).

Os alunos, sempre atentos, escutam as histórias desta artesã que já é também uma anciã do nosso povo. Sobre suas caminhadas por esta região, ela relata ainda que é preciso tomar cuidado porque existem onças.

Um dia eu estava nesta região e, de repente, surgiu muitos porcos do mato e meu cachorro chamado Bruce correu atrás deles acuando e de repente deu só um latido e ficou em silêncio. Ele foi comido pela onça que mora nessa região. (Gracilda Gonçalves Amajunepá, 2023).

Ela explicou que era por esta razão que Raphael, um caçador muito habilidoso e experiente, estava acompanhando o grupo durante todo o percurso, pois a onça sempre apanha os cachorros que passam nessa região sozinhos. Ela orientou, ainda, que todos fizessem silêncio e que andassem sempre juntos por ser um local longe do povoado, de difícil acesso e que ainda tem onças pintadas.

Como o palmeiral fica situado na região norte, cerca de 8 km da Aldeia Central, o tempo de percurso é grande e, assim, durante o caminho, a artesã contou muitas histórias. Ela relatou como foi que aprendeu a fazer o abanador com sua sogra, dona Inês. Ela destaca que

D. Inês era uma Balatipone legítima. Ao falar da sogra, ela começou a se lembrar dos seus ensinamentos e do som de sua voz. Neste momento, ela demonstrou tristeza, ficou um tempo parada olhando para o nada, depois respirou forte e seguiu no caminho, mas, antes, retornou o olhar para os alunos e afirmou:

Desde que mundo é mundo, os povos aprendem somente observando tudo que os mais velhos fazem. As meninas aprendem com suas mães e avós todo trabalho doméstico. E da mesma forma, os meninos aprendem com seus pais e avós a fazer arco, flecha, pescar e plantar. (Gracilda Gonçalves Amajunepá, 2023)

Ao chegar no palmeiral, ela pediu para que todos observem as palmeiras e explicou que cada uma delas conta uma história de vida e que para entender estas histórias basta observar. Alguns alunos não compreenderam o sentido desta fala, então ela explicou:

Cada palmeira tem uma história. Olha aquela com uma raiz entrelaçada, coitada, vai morrer porque aquela raiz é uma figueira que começa com uma semente depositada por um morcego ou pássaro e, aos poucos, vai crescendo, envolvendo a palmeira e, conforme cresce, começa a sugar toda a vida da palmeira e, assim, acaba morrendo sufocada. Olha aquela outra com aquela orquídea linda e observa também que existe araras. Elas servem de casa para as araras canidés e outras aves. As orquídeas são um tipo de parasitas que sobrevivem da matéria em decomposição alojada entre as cascas da palmeira; olha aquela outra com tronco bem alta e com muitos frutos, indica que cresceu para buscar luz solar. Assim, cada uma delas conta uma história. (Gracilda Gonçalves Amajunepá, 2023)

Enquanto ela ia mostrando as palmeiras e contando suas histórias, nós chegamos no centro do palmeiral, onde tem muitos brotos novos. Nem percebemos que já havíamos chegado no local da coleta. Para ensinar como se retira o broto, ela escolheu uma palmeira e mostrou a habilidade de fazer o corte com um único golpe. Além disso, ela reafirmou a importância de que deve ser coletado apenas o necessário.

Após a explicação, os alunos, um a um, foram se organizando e coletando o material necessário para a confecção do abanador e do cesto. Ela orientou para a necessidade de não abalar a planta. Por isso, era necessário realizar um corte preciso e rápido. De posse dos materiais, todos se preparavam para o retorno demonstrando muita alegria em estar aprendendo como fazer esses artefatos que fazem parte da história do nosso povo. Também, a artesã ressaltou em sua fala que, pela primeira vez, ela e o conhecimento que tem sobre a natureza e seus artefatos também podem ser considerados como conhecimento da escola. Ela destacou ainda que a cultura desperta a atenção dos alunos e que, ao ter a atenção dos alunos, podem ensinar outros conhecimentos a eles. Isso nos remete ao conceito de interculturalidade.

4.2 Preparação do material coletado

Retornando a escola, os alunos foram preparar os brotos para o processo de secagem das palhas, para então ser utilizadas no trançado. Foram várias etapas que contaram sempre como a orientação da anciã. Ela realiza com os alunos uma pedagogia ancestral, cuja forma de ensinar está pautada na observação e na experimentação guiada pela fala dos mais velhos. Na aldeia, o conhecimento é uma aquisição que se funde com a vida, pois, para aprender, é preciso vivenciar as práticas na dimensão material e imaterial.

O cacique sabe que a ele foi dado a responsabilidade de conduzir e zelar pelo bem viver do povo. Ao pajé cabe a responsabilidade de ser o médico da nação e proceder com a cura física e espiritual. As mulheres são as guardiãs dos saberes ancestrais e educadoras, os jovens tornam-se guerreiros, as crianças se esforçam na aprendizagem do cotidiano e a vida segue sem pressa e sem tempo de relógio sempre obedecendo o rio e sua ciência. Assim, cresci e aprendi ouvindo o silêncio que em mim habita nesse Amazônico chão. (Kambebe, 2020).

Figura 9: Fotografia dos alunos com os materiais coletados para confecção dos trançados no momento em que chegaram na escola depois da coleta.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Na imagem acima, pode-se ver os alunos do 4º preparando os brotos, agitados com a experiência da coleta, mas também preocupados com o material coletado. A anciã, que

também saiu para o almoço, retornou para, em seguida, orientar o processo de estalar, que consiste na separação da palha do ramo central. Essa técnica exige um cuidado para não retirar totalmente nenhuma das palhas, pois, se isso ocorrer, vai acontecer uma falha no trançado. A artesã explicou aos alunos que seria impossível realizar um trançado se houvesse falhas no ramo.

Na imagem a seguir temos a pesquisadora entre os alunos executando o processo de estalar o broto do babaçu. A medida que ela faz o processo orientado pela anciã, as crianças a seguem com o mesmo movimento e cuidado.

Figura 10: Alunos preparando os brotos para o processo de estalar sob a orientação da Pesquisadora



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Como a mesa ficou alta para as crianças manusearem as pontas dos brotos eles colocaram a palha no chão e assim forma trabalhando o broto todo até a finalização do processo.

Figura 11: Finalização do processo de estalar os brotos do babaçu



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Após estaladas, as folhas são colocadas uma a uma para secar no sol. Como cada aluno deveria cuidar do seu material, eles foram orientados a levarem para suas casas para assim poder cuidar dos ramos por três dias sem molhar. Somente a partir do segundo dia é que deveriam deixar durante a noite para pegar o sereno, além de colocar no sol durante o dia. Essa técnica garantiria o amaciamento das palhas, o que facilitaria o seu manuseio para trabalhar as peças.

Foi combinado, ainda, com os alunos, que depois deste período de tratamento da palha, a mesma deveria ser trazida novamente para a escola. Com as palhas prontas, foi dado início a confecção das peças.

4.3 O Trançado: Técnicas, Movimentos e Conhecimentos

Durante o processo desta pesquisa, surgiu uma curiosidade sobre os trançados usados nos arcos e também nos cabos dos leques de pena que possuem desenhos feitos com parte das palhas coloridas de preto. A questão era exatamente sobre o processo utilizado para colorir as palhas. Como é feito a pintura preta nas palhas? Esse questionamento foi levado ao Sr. Sílvia Amajunepá, com 70 anos de idade em 2023, um dos filhos dos 23 Balatipone que sobreviveram ao processo de pacificação, junto com Inês Baconepá e Apikoré Amajunepá. Então, ele explicou:

Para pintar as fibras de preto, por exemplo, fibra de embiruçu, retira a fibra e deixa na água mergulhada em barro por três dias. A fibra de buriti é tingida com a casca de Rimate, retira a casca e também deixa na água e, após, pode aplicar nas fibras. (Amajunepá, 2023).

Observamos que essa tintura de algumas palhas garantem a possibilidade de criar desenhos nos traçados, e estes representam a natureza na perspectiva do povo Balatipone, pois os materiais utilizados para essas pinturas, que representam a cultura Balatipone, são obtidos no ambiente no qual o povo vive, conhece e domina as técnicas de coleta e usos.

A partir deste entendimento do processo de preparação materiais, os alunos foram orientados a trazer suas palhas e iniciar o processo do trançado. Entretanto, antes de iniciar o trançado, eles receberam as orientações de como deveriam fazer. À medida que a pesquisadora explicava o processo, ela também ia realizando o trançado enquanto as crianças só observavam.

Após essa explicação inicial, os alunos começaram a manusear o material que haviam preparado para o trançado. Nesta etapa, passaram a contar com a participação e orientação da artesã Gracilda Gonçalves e o auxílio da pesquisadora. Durante o processo, as duas se dividiam nos grupos orientando e acompanhando todos os passos para intervir quando era necessário, pois, para estes alunos, era a primeira experiência com a feitura do trançado, ainda que muitos deles já conhecessem os objetos.

Figura 12: Artesã auxiliando os alunos no trançado



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

O processo de confecção das peças que sempre esteve sob a supervisão das duas mulheres que dominam a técnica do trançado. A anciã como a detentora dos processos e técnicas culturais e a professora pesquisadora a quem, além dos conhecimentos ancestrais, também viu nestes processos a possibilidade de acessar conhecimentos que são ensinados na escola. Assim, foi de suma importância o envolvimento dos alunos em cada etapa e, como podemos observar na figura a seguir, os alunos realmente se envolveram nas atividades e puderam vivenciar um aprendizado significativo para si e para os seus familiares.

Muitos alunos relataram que conversaram com os pais e outros familiares sobre estas duas peças, o cesto e o abanador, e a sua importância na cultura do povo Balatipone. Para os pais, também foi relatado que os mesmos se sentiram muito felizes por ver os filhos aprendendo algo que é fundamental para a cultura do povo Balatipone.

Figura 13: Aluno realizando o trançado



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Os relatos dos alunos eram realizados à medida que iam realizando o trançado, seguindo a orientação dada em relação ao movimento das palhas. O primeiro passo do trançado é feito com retas paralelas. Retas que não possuem nenhum ponto comum. Depois, à medida que vai construindo, observa-se as retas transversais e as retas perpendiculares. Essas são retas que possuem um único ponto em comum. O exemplo mais importante de retas transversais são as retas perpendiculares, que são aquelas que formam um ângulo de 90° . Retas transversais que formam um ângulo de 90° , isto é, retas perpendiculares. Esta ideia é a continuação do 1º passo do trançado. Depois, trabalhamos com as retas concorrentes. Retas que tem um ponto em comum. Depois, retas coincidentes. Ou seja, retas que possuem dois pontos em comum. Existe um resultado que garante que quaisquer retas que possuem dois ou mais pontos em comum serão a mesma reta. Dessa maneira, se duas retas possuem dois pontos em comum, então desde o início existia uma única reta. Essa ideia é o 5º passo do trançado. Depois a observação é feita nos ângulos. Um ângulo é o conjunto de pontos formados por duas semirretas (lados do ângulo) que possuem o mesmo ponto de partida (vértice) do ângulo. Essa ideia é o início quando começa a abrir as folhas do broto para colocar para secar. Depois, exploramos o conceito de plano. Foi explicado que planos são

figuras geométricas bidimensionais formadas pela reunião de infinitas retas, perpendiculares a uma reta dada, dispostas lado a lado. Essa figura é considerada, na geometria, como um conceito primitivo. Isso acontece porque, na realidade, não existe definição para ponto, reto e plano, por exemplo, o povo Balatipone usa tradicionalmente estes conceitos, mesmo que as suas definições como usamos só foi ensinado com a escola. Temos apenas uma “ideia primitiva” de como essas figuras são e/ou do seu formato. Essa ideia é a parte final, aplicada com o abanador completamente finalizado. Complementa-se a ideia matemática, o cuidado ambiental com as palmeiras e com o meio ambiente, em diálogo com o patrimônio material que são os nossos artesanatos.

4.4 As percepções das crianças durante a fabricação do produto ou objeto

Nos dias 28, 29 e 30 de agosto de 2023, os alunos do 4º ano da Escola Municipal indígena Julia Pare, saíram da escola para coleta do broto do babaçu para confeccionar o abanador e o cesto. A atividade iniciou às 07:30 horas, com uma caminhada numa trilha dentro da mata até o local onde existe um babaçuzal. No primeiro momento da caminhada, notei que as crianças estavam admiradas, observando todas as plantas e animais que encontravam pelo caminho. Antes da saída, explicamos a eles que o percurso seria de 6km de distância da aldeia e que a caminhada se destinava a realização de uma aula interdisciplinar, envolvendo temas como plantas e animais, nas aulas de ciências, o sujeito e seu lugar no mundo, no componente curricular da geografia, o registro da história, no componente curricular história, a geometria, no componente curricular da matemática, e o campo das práticas e da pesquisa em língua portuguesa e artes visuais, no componente curricular de artes.

Durante esta aula, tivemos auxílio do professor Silvinho Amajunepa e do professor Valdevino Harison Amajunepá, que auxiliaram na orientação para que os alunos pudessem observar como estes conhecimentos que estão nos livros de forma descontextualizada poderiam, nesta atividade, ganhar significados culturais.

Dona Gracilda Gonçalves Amajunepa, a artesã que nos auxiliou durante todas as atividades, também ouviu atentamente as explicações dos professores e logo foi contando as histórias vivenciadas naquele caminho. Neste momento, as crianças ficaram mais participativas e foram realizando perguntas sobre as vivências que estavam sendo relatadas. No local da coleta, enquanto a anciã mostrava como coletar a matéria prima, todos se

demonstravam ansiosos para retirar a sua peça e, tão logo era cortado, já foram pegando o que era necessário para montar suas peças.

Envolvidos com a fala da anciã, durante o caminho, os alunos agora observavam o material que estavam trazendo para a aldeia. O transporte era feito com cuidado, pois, como Dona Gonçalves alertou, a qualidade da peça depende do cuidado com a matéria prima. Chegando na escola, todos os alunos estalaram o seu broto e colocaram para secar ao sol, almoçaram e foram para casa.

No dia seguinte, os alunos chegaram na escola muito ansiosos para iniciar o trançado. A aula foi iniciada com explicação de dona Gonçalves sobre o processo de confecção do abanador. Neste momento, olhei para o rosto de cada aluno e pude observar que todos estavam muito atentos às explicações da dona Gonçalves. Os olhares se dividiam entre a sua fala e o movimento das suas mãos. Com agilidade, ela foi medindo e contando as palhas de cada broto e cortando as partes que não seriam utilizadas, sempre nos alertando para que não deixar soltar nenhuma palha do ramo principal.

Os alunos, neste momento, começaram a levantar questionamentos sobre o porquê de não deixar soltar nenhuma palha do ramo principal, por que deveriam medir a primeira palha de uma ponta a outra e por que uns estavam pares e outros ímpares, uma coisa que também me chamou a atenção. Após as explicações dadas pela professora e o entendimento pelos alunos, cada um começou a fazer a sua peça com auxílio dos professores e sob a orientação da dona Gonçalves que, com toda calma e paciência, dava muita atenção aqueles com mais dificuldades. No desenvolver das atividades, notamos que os alunos que já tiveram contato em casa com alguns desses trançados tiveram mais facilidade para realizar a atividade do que os que nunca tiveram nenhum contato. Isso não impediu que todos conseguissem, com muita dedicação, confeccionar suas peças. Diante desta constatação podemos mais uma vez afirmar que a criança indígena aprende no seu dia a dia, através da observação e da repetição. Com esse conhecimento do dia a dia e através de aulas práticas, se torna mais fácil construir o ensino aprendizagem, ou seja, a educação escolar, os conteúdos escolares.

Durante a aula, também notamos interesse dos alunos em saber como era a alimentação do povo Balatipone antigamente. Dona Gonçalves nos contou

A maior parte da alimentação do nosso povo era feita do milho e da banana da terra. Do milho, faziam farinha e beiju para comer com peixe ou carne de caça, de preferência assado e também a chicha. Da banana da terra faziam farinha e um tipo de bolinho. Da banana ainda verde, cozinhava e depois socava no pilão e faziam os bolinhos para comer também com peixe ou carne de caça e serviam no *barukwa*.

Embora, no início alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade na execução do trançado, todos conseguiram fazer o abanador com satisfação. O mais importante é que esta aula não foi apenas para assimilar conceitos ou conteúdos, mas, também, para saber e conhecer a importância de valorizar os conhecimentos do povo e a importância de preservar os trançados feito pelo povo Balatipone. Observei que, através de uma prática pedagógica, podemos trabalhar tudo junto: os conceitos, os conteúdos, os conhecimentos tradicionais, os conhecimentos culturais, além de promover a valorização dos saberes tradicionais. As práticas pedagógicas não têm um prazo determinado, elas vão muito além da sala de aula e daquilo que conhecemos como educador, estando aberta ao cotidiano propriamente dito. No PPP da Escola Jula Pare está expresso, assim como também na BNCC (2018), que as práticas pedagógicas devem valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital, para entender e explicar a realidade.

4.5 Textos e Desenhos

Após as atividades, os alunos foram convidados a produzir um texto ou desenho da parte que mais havia chamado a sua atenção. Os alunos se organizaram e resolveram que cada um iria retratar uma etapa do processo. Desta forma, apresento os desenhos em ordem cronológica, indicando, assim, que todos os momentos da aula foram importantes e que eles tiveram a preocupação em retratar tanto o ambiente, como as pessoas envolvidas nas atividades.

O primeiro desenho retrata o momento da chegada no babaçuzal, em que todos se acercam da Anciã para ouvir suas instruções sobre a área e as regras para fazer a coleta.

As orientações dadas foram muito significativas para os alunos, pois ouvir os mais velhos é uma prática constante na aldeia. Como um aluno não indígena procura referências escritas em livros e ou artigos, na aldeia, os mais jovens ainda têm o hábito de ouvir os mais velhos. Essa prática foi levada para esta atividade, pois ainda que os professores conhecessem o processo, foi convidado uma anciã para falar com os alunos, legitimando os conhecimentos da professora tradicional.

Figura 14 – Desenho da Anciã conversando e orientando as atividades a serem realizadas



Fonte: Aluna: Ashellen Hadsa Monzilar - 4º ano do Ensino Fundamental – Escola Estadual de Educação Indígena Jula Paré

Como observamos no desenho, é através dos conhecimentos dos mais velhos que, conforme Vilarin (2022), são transmitidos e aprendidos os conhecimentos que são repassados de uma geração para outra, principalmente por meio da tradição oral. Deste modo, os anciãos se tornam uma espécie de biblioteca viva, um vasto acervo de saberes que são muito relevantes à educação escolar indígena e à propagação de etnoconhecimentos.

No segundo desenho, foi retratado o corte e coleta dos brotos para a confecção do abanador. Entretanto, já é apresentado também o momento em que os brotos são estalados, ainda que esta atividade tenha ocorrido depois lá na escola.

Figura 15: Desenho dos alunos no Babaçuzal escolhendo, cortando e estalando o broto para o transporte.



Fonte: Aluna: Heilly Corezomae Amajunepá - 4º ano do Ensino Fundamental –
Escola Estadual de Educação Indígena Julia Pará

Observa-se, neste desenho, que a aluna tenta retratar o passo a passo, adiantando o processo de estalar o broto já em campo. Quando questionada sobre esta escolha ela afirmou que, de acordo com a sua observação do processo, estalar o broto logo depois do corte facilitaria o transporte. Isso se deve ao fato de que ainda que pedagogicamente o processo seja realizado de um modo, os alunos ao receberem as informações organizam de acordo com a sua compreensão de mundo e organização das atividades, criando a sua própria sequência.

Quando o aluno compreende e se apropria de um conhecimento, vai adequá-lo as suas necessidades, pois, de acordo com Pivatto (2014), a aprendizagem significativa ocorre quando o aprendiz é capaz de receber novas informações e racionalizar de forma a construir uma interação com o que já se sabe previamente e o que acabou de conhecer. Deste modo, é muito importante os conhecimentos prévios que o aluno recebe. Esta atividade de registro com desenho pode ser um exemplo, pois só depois de ir a campo e vivenciar o processo, a aluna é capaz não só de registrar o processo, mas produzir uma leitura crítica do mesmo propondo uma modificação nas etapas.

O texto elaborado pela aluna Heilly Hariny C. Amajunepa (2023) descreve também sobre as relações e interações com a natureza e os aprendizados com os anciões.

Eu gostei muito dessa aula aprendi como estalar o broto do babaçu, que é o processo de abrir as folhas do broto do babaçu uma por uma sem arrancar nenhuma folha, porque se deixar sair alguma o trançado não dá certo. Eu já sei fazer o trançado do *barukwa*. Aprendi com minha vó, mas sabia o processo de estalar, também aprendi como cortar o broto. Gostei também da dona Gonça falar da importância da gente preservar a natureza, porque a natureza é nossa mãe e devemos ter alguma conexão com o meio ambiente. Nessa aula também aprendemos um pouco da história do povo Balatipone. A dona Gonça também contou que aprendeu a fazer o *barukwa* com a sogra dela Inês Baconepa que é minha bisavó. Então eu aprendi muita coisa nessa aula.

No terceiro desenho, temos um retrato da escola que, de acordo com o autor, trata-se do local onde foi realizado a parte mais importante para ele, pois, neste momento, ele aprendeu a técnica de como preparar o material que deveria ser usado no trançado. Essa importância se deve ao fato de que se não estalassem o broto corretamente, poderiam não conseguir fazer o abanador.

Figura 16: Desenho dos alunos na escola estalando o broto de babaçu sob a orientação da anciã



Fonte: Aluno: Sayron Miguel - 4º ano do Ensino Fundamental – Escola Estadual de Educação Indígena Julia Pará

No quarto desenho, temos novamente o processo de coleta e, em destaque, o *barukwa* pronto. Este desenho, de acordo com o autor, é importante e tem um significado

grande porque seu pai aprendeu a fazê-lo com o seu bisavô Firmino que já faleceu há muitos anos. Assim quando ele fez o abanador na escola estava exercitando um conhecimento que está na sua família. Quando o pai viu o abanador, ficou muito interessado, elogiou o filho e o ensinou da mesma forma que ele havia aprendido com o seu bisavô.

Figura 17: O caminho de ida até o Babaçuzal e o trançado do *Barukwa*



Fonte: Aluno: Brayan Apadonepá keri - 4º ano do Ensino Fundamental – Escola Estadual de Educação Indígena Julia Pará

Além da importância cultural de conexão ancestral, os alunos também apontaram os aprendizados escolares utilizados para a confecção do *barukwa*.

No dia 29 de agosto de 2024, nós alunos, professores realizamos uma atividade prática de confeccionar o abanador, *barukwa* juntamente com os professores Rozinete, Silvinho. Primeiro fomos ao mato buscar o broto de babaçu. Depois, abrimos o broto e colocamos ao sol para secar. No outro dia, com a ajuda da anciã Gonçalina e o auxílio dos professores começamos a trançar o broto de babaçu até se transformar em um abanador. Com essa atividade, eu aprendi como faz o trançado do abanador e como é importante usar o conhecimento da matemática, como, por exemplo, medidas e linhas horizontal e vertical e essa aula foi muito legal (Sayron Miguel, 2023).

No quinto desenho, temos um desfecho final para a atividade que, de acordo com o autor, trata-se de um momento festivo em que os alunos aparecem brincando felizes por terem aprendido a fazer o abanador. Isso demonstra o apresso por um conhecimento tradicional, pois,

ao desenvolver essa atividade, os alunos puderam conectar-se com os anciões e artesões dentro e fora da escola para conversarem sobre a importância e os significados desta atividade para o povo Balatipone.

Figura 18: desenho de um abanador gigante sobre a Terra Indígena.



Fonte: Aluna: Isis Calomozoré Boroponepá - 4º ano do Ensino Fundamental – Escola Estadual de Educação Indígena Jula Paré.

Durante a confecção dos trançados junto dos alunos, observamos que todos envolvidos, conforme iniciado o processo, demonstraram muita satisfação e muita curiosidade em conhecer como fazer um bom *barukwa*. Todos os alunos confeccionaram os seus *barukwa*, uns com muita habilidade outros ainda em fase de compreensão. Porém, no final, todos concluíram com muita alegria. Ouvimos o depoimento dos alunos onde cada qual relata verbalmente o interesse pelos artefatos, sendo este uma forma de ajudar a mãe em casa na confecção para venda. Ouvimos também, durante a semana, que um dos alunos de nome Jhony confeccionou o *barukwa* junto com a turma e, ao chegar em casa na Aldeia Katamã, os visitantes compraram o seu *barukwa*. Ele chegou na escola muito entusiasmado contando para a turma.

A terra é a nossa mãe que nos dá os alimentos necessários para viver e sobreviver de forma que devemos ter uma relação harmoniosa e recíproca, caso contrário, nós, seres humanos, sofreremos consequências drásticas. Portanto, afirmo que a questão da educação ambiental está intimamente ligada não somente aos povos Balatipone, mas aos povos

indígenas de forma geral. Posso dizer, ainda, que temos um cordão umbilical que nos liga à mãe terra e tudo que nela está no sentido transdimensional, onde somos guiados pela cosmologia entre o natural e o sobrenatural.

Buscando por uma educação de qualidade que preserve a nossa história enquanto povos, desde de 1990, os professores Balatipone vem desenvolvendo atividades que fortalecem as práticas culturais da comunidade por meio da escola. Conseguimos implantar, no PPP, da escola “a semana cultural”, que acontece somente no mês de abril. Neste período, são abordados muitos conteúdos voltados para os saberes tradicionais do povo, onde cada professor (a) fica responsável por uma turma e eles escolhem uma atividade para ser realizada durante a semana cultural, que vão desde trançados, adornos de penas e bebidas típicas do povo. Conforme observamos, a escola já contempla os trançados no seu currículo escolar, porém voltada para a valorização da cultura e não como um produto pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território Indígena Balatipone tem, nos últimos anos, enfrentado uma das maiores secas, que acabou por secar muitas das cabeceiras, bem como o rio 18 que corta a Aldeia Umutina, sendo este o principal córrego para a comunidade. Há uma dificuldade de encontrar riachos e cursos de água em meio a vegetação nativa no território sendo cada vez mais raro. Com o curso das águas, é possível encontrar buritis para confecção de artefatos a base de fibras. Conforme ouvimos das artesãs, hoje elas não encontram mais o buriti próximo da aldeia, tendo que ir muito longe. Elas também afirmam que tanto as queimadas, quanto o não entendimento por parte dos alunos durante a semana cultural em que eles pegam muitos brotos de buriti, acabam por matar a planta mãe. Um outro ponto que chama atenção nessa pesquisa é o fato das queimadas dentro do território. Isso acabou levando ao desaparecimento de algumas árvores que favoreciam, com sua semente, as mulheres artesãs. Talvez a comunidade ainda não tenha se atentado ao desaparecimento de algumas espécies vegetais, animais e outros. Buscar uma parceria junto dos órgãos competentes seria uma solução. Essa questão tem sido pouca ou quase nada discutida na escola.

A questão social que foi citada indiretamente é associada à dificuldade em não encontrar certas sementes e também o buriti. Da palmeira do buriti, as mulheres confeccionam a esteira, os cestos, sendo este último comercializado nos municípios vizinhos.

Quanto ao questionário aberto respondido pelo professor, este possibilitou demonstrar a importância de criar alternativas e trabalhar situações do dia a dia que discutam as questões sociais, ambientais, econômicas e culturais dentro da sala de aula está se tornando cada vez mais primordial.

Através do tema gerador, podemos observar qual rico é o artesanato indígena, bem como sua beleza e suas características. Aos olhos de quem os vê é um simples artesanato, mas para outros, cheio de significados, desenhos geométricos, entrelaçados que apresentam uma vivência histórica daqueles que as confeccionam. Acredita-se que os participantes (alunos) adquiriram diferentes vivências tanto de observação, como na própria manifestação artística do saber/fazer. Espera-se que todo esse processo seja contextualizado e que vá de encontro com o meio escolar para, assim, de fato, implementar uma educação diferenciada, visando o modo de vida ensinada dos mais velhos para os pequenos, ou seja, aproveitar essa vivência própria dos indígenas onde o modo de ensinar é na base da observação.

Observamos que os trançados indígenas aqui apresentados, muito rico em conceitos e relações geométricas, onde é possível visualizar figuras planas e desenhos entrelaçados que vão de encontro com o ensino da matemática, mostraram que é possível o ensino de acordo com a realidade do aluno, ou seja, trabalhar, nas escolas, conteúdos interculturais e interdisciplinares, fortalecendo a relação entre os saberes dos mais velhos com a escola e criando vínculo entre estes e os jovens, pois, em muitos casos, os idosos ficam a maior parte do tempo sozinhos.

Certamente que a escola é uma grande parceria quando se fala em resgate, pois ela tem no seu currículo a “semana cultural”, que possibilita aos alunos terem contato com a prática cultural, por exemplo, na confecção do *barukwa* e outros. Porém, estes são apenas como forma de resgate da língua e não como forma de conceitos e conteúdos. Durante a pesquisa, descobriu-se que apenas um senhor fabrica o cesto de fibra de babaçu e que este também não tem transmitido esse o conhecimento a ninguém porque não há interesse por parte dos membros da comunidade, por se tratar de um cesto muito trabalhoso para ser confeccionado.

Em relação ao tema gerador, (Freire,1993) fundamenta essa radicalidade do ponto de partida essencialmente dialógico, com o objetivo de sistematizar o conhecimento que brota do mundo vivido das comunidades epistêmicas. Conforme visto, foi realizado um levantamento com a tentativa de recolher informações detalhadas dos artefatos produzidos pela comunidade local, com base na observação participativa, qualitativa e numa visão etnográfica, facilitando a compreensão do tema e do planejamento do ensino, favorecendo o desenvolvimento da implantação em sala de aula, bem como nas atividades pedagógicas.

Em relação à oficina, observamos que os alunos interagiram com muita facilidade, ficaram à vontade para confecção dos abanos. Cada aluno confeccionou o seu, bem como, na apresentação, demonstraram entendimento em relação aos conceitos. Os diferentes, tipos de ensino, possibilitou aos alunos produzirem textos apresentando seus trabalhos com muita clareza, outros apresentaram em desenhos que, por sua vez, muito bem detalhados e de muita lindeza. Podemos citar também que a formação do professor também tem influência em relação ao ensino tradicional, pois este tem uma visão mais ampla em buscar novos conceitos e alternativas de ensino.

Quanto ao estudo dos artefatos e sua relação com os conceitos escolares em diversas áreas do conhecimento, este proporcionou a pesquisadora trabalhar questões que vão ao encontro da valorização da cultura local que por vezes foram esquecidas, ou seja, os indígenas

deixaram de confeccionar e quem sabe não tem repassado para a comunidade por falta de interesse dos indivíduos. Diante dessa riqueza expressa na cultura Balatipone através de seus artefatos, vemos a importância na construção de atividades que buscam essa valorização dos saberes e conhecimento tradicional, como parte integrante do currículo escolar.

Ao realizar esse estudo percebemos que é possível estabelecer um diálogo intercultural e interdisciplinar no sentido de criar um aprendizado que valorize a cultura Balatipone e também garanta o acesso aos conhecimentos escolares com sentidos e significados para os alunos. Entendemos que esta prática pode se estender aos inúmeros artefatos e práticas culturais que a cultura Balatipone possui, o que pode fortalecer uma prática pedagógica que represente tanto a cultura do povo Balatipone quanto os conceitos escolares. Assim fica a sugestão de outros temas de estudo que possam também contribuir na produção de materiais escolares construídos não apenas com professores, mas também com anciões, crianças e outros membros do povo Balatipone.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, Bruce. **Associações indígenas e desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira**. Povos indígenas no Brasil 1996-2000. In: RICARDO, Carlos Alberto. (Org.). São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2000, p. 197-207.
- ANDREOLA, Balduino A. **O Processo do Conhecimento em Paulo Freire**. Educação e Realidade, Vol.18, nº1, p. 32-45, jan-jul/1993.
- AMADOR, M.V.P. **Educação em enfermagem: uma análise etnográfica da colaboração serviços/escolas nos estágios clínicos**. São Paulo, 1991. p. 330. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
- BENTLEY, M. E. et al. Rapid ethnographic assessment: applications in a diarrhea management program. **Soc. Sci. Med.**, v. 27, n. 1, p. 107-16, 1988.
- BERNARDI, B. **Introdução aos estudos etno-antropológicos: perspectivas do homem**. São Paulo: Edições 70, 1974. p. 50-61.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/resolucaoeduc_campo.pdf>. Acesso em 26/10/2022.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 7 de janeiro de 2015: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio e dá outras providências**. Brasília, 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16870-res-cne-cp-001-07012015&category_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 26/20/2022.
- BROSTOLIN, Marta Regina; OLIVEIRA, Evelyn Aline da Costa de. **A criança Terena: um olhar para a infância, o brincar e os sentidos do aprender indígena**. São Paulo: Rev.Eletrônica Pesquiseduca, Santos, v. 06, n. 11, p. 140-157, jan.-jun. 2014. Disponível em: [http://Downloads/unisantos_seer,+Artigo+08%20\(6\).pdf](http://Downloads/unisantos_seer,+Artigo+08%20(6).pdf). Acesso em 10 de fev. de 2024.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre tradições e a modernidade**. (2ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DAI/MTB 2010. **Relatório 2010 – etnias Indígenas do Brasil**, organizador: Ronaldo Lidório, Instituto Antropos-<http://instituto.antropos.com.br/> Disponível em: <https://antropos.org.uk/294-umutina>. Acesso em 10 de fev. de 2024.
- FLEURI, R. M. (org.). **Intercultura: estudos emergentes**. Unijuí: Ijuí, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe**: Cultura, escola e professores indígenas no Brasil (Tese de Doutorado) do Programa de Pós-graduação em Antropologia. Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2008.

GUALDA, D.M.R. Eu conheço minha natureza: um estudo etnográfico da vivência do parto. São Paulo, 1992. p. 185. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/06/olugardosaber.pdf>. Acesso em 22 fev. 2024.

MAIDANA, Gessiane Andréa. **Cultura e educação**: escola e a cultura inclusiva. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 08, Ed. 07, Vol. 05, pp. 05-18. Julho de 2023. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/escola-e-a-cultura>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ escola-e-a-cultura. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

MALINOWSKI, Bronislau. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ubu Editora. 2018 [1922].

MEC, Ministério da Educação. **Centro de Referências em Educação Integral**. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://undime.org.br/noticia/conheca-o-centro-de-referencias-em-educacao-integral>>. Acesso em: 01/06/2022.

MINAYO, M.C Apresentação. In: R. Gomes, **Pesquisa quantitativa em Saúde**. São Paulo: Instituto Sírio Libanes, 2014.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A Organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em região na CDD. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador (**Anais online**). 2007. Disponível em :em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2 - 341.pdf>. Acessado em 25/06/2023.

PIMENTA, José. **Desenvolvimento Sustentável e Povos Indígenas**: os paradoxos de um exemplo Amazônico. Anuário Antropológico/2002-2003. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 115-150.

PIVATTO, W. B. **Os conhecimentos prévios dos estudantes como ponto referencial para o planejamento de aulas de Matemática**: análise de uma atividade para o estudo de Geometria Esférica. Revemat, Florianópolis, v. 9, nº 1, p. 43-57, 2014.

RIBEIRO, Berta G.; Velthem, Lúcia Hussak Van. **Coleções etnográficas**: Documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: cunha, Manuela Carneiro da. História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1992.p.103-111.

ROSA, Rogelio Duarte. **A percepção de estudantes Indígenas Xavante sobre processos de escolarização em escolas de Barra do Garças /MT**. Cáceres, 2022. Dissertação de Mestrado

em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação e Linguagem. Universidade do estado de Mato Grosso.

SAHLINS, Marshall. 1997a. **O “pessimismo sentimental” a experiência etnográfica**: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). *Mana* 3 (1): p. 41-73.

SALATIEL, José Renato. **Índios** - Políticas de proteção completam um século no Brasil. São Paulo, 2010. Disponível em <https://uol.com.br/indios-politicas-de-protecao-completam-um-seculo-no-brasil.htm>. Acesso em 17/01/2024.

SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão. **A Prática Etnográfica na Pesquisa Educacional**: Apontamentos Primordiais da Relação entre Educação e Antropologia. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.44, p.16-35/2021. Disponível em: <file:///D:/Nova%20pasta/ Downloads/2355-Texto%20do%20Artigo-8500-1-10-20210407.pdf>. Acesso em: 22/10/2022.

SCHULTZ, Harald. **Informações etnográficas sobre os Balatipone**. São Paulo: Revista do Museu Paulista, Nova Série v. XIII (1961-62), p. 75-313. Disponível em: <http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:schultz-1962-Balatipone>. Acesso em 10 de fev. de 2024.

SPRADLEY, J. *The ethnographic interview* New York, Holt, Rinehart and Winston, 1979

SILVA, Livia Souza. **Buriti**. Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://www.infoescola.com/plantas/buriti/>>. Acesso em 18 de janeiro de 2024.

SEGOVIA HERRERA, M. **Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica**. In: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, I. São Paulo. Trabalhos. São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 63-9. (Resumo)

SOARES, Leandro Queiroz; FERREIRA, Mário César. **Revista de Psicologia Organizações e Trabalho**. V 6. P2. Florianópolis. Dez,2006.

VILARIM, Paulo Roberto; MARTINS, Décio Ruivo; RODRIGUES, Sérgio Paulo Jorge; OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **O papel dos anciãos na preservação e divulgação do etnoconhecimento terena em escolas indígenas no estado de Mato Grosso do Sul**.

Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 2, p. 227-243, mai. 2022. ISSN 1982-9949. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024. doi: 10.17058/rea.v30i2.17517.

ROSENTHAL, T. T. Using ethnography to study nursing education. *West.J.Nurs.Res.*, v. 11, n. 1, p. 115-27, 1989.

ZITKOSKI, Jaime José. **Visões Epistemológicas da Ciência**. In: *Caderno Pedagógico*. Ano VI, nº 11 e 12, URI, Frederico Westphalen, 1996.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROZINETE ZOIZOQUIALO AMAJUNEPÁ

PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DOS TRANÇADOS DO ABANADOR
***BARUKWA* COM ALUNOS DA ETNIA BALATIPONE**

BARRA DO BUGRES/MT
ABRIL/2024



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



ROZINETE ZOIZOQUIALO AMAJUNEPÁ

**PRÁTICAS DE ENSINO A PARTIR DO TRANÇADO DO ABANADOR
BARUKWA COM OS ALUNOS DA ETNIA BALATIPONE**

Produto Educacional de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-Área de concentração e ensino: Ensino, docência e interculturalidade.

Orientadora: Professora Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinsk.

**BARRA DO BUGRES/MT
ABRIL/2023**

SUMÁRIO

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	1
1. CONHECENDO OS TRANÇADOS	2
2. SEQUENCIAS DIDÁTICAS	5
2.1 ROTEIROS DAS AULAS.....	13
2.2 OS TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS.....	16
REFERENCIAS.....	17

APRESENTAÇÃO

Como produto educacional apresento o fruto do trabalho dissertativo: Práticas de ensino a partir dos trançados do abanador *barukwa* com os alunos da etnia Balatipone, uma atividade que deu origem ao estudo sobre uma experiência didático pedagógica realizada na Escola Municipal Indígena Jula Pará com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

Este trabalho tanto de pesquisa como de observação de aulas práticas com os alunos orientaram a proposição de uma sequência didática envolvendo o ensino de conteúdos de educação ambiental no processo de coleta de palha de babaçu, valorização cultural com as participações dos artesões e da anciã, bem como os como da geometria utilizada no processo de fabricação do abanador por meio de trançados.

O texto ficou composto por duas partes sendo que na primeira apresento os conhecimentos sobre os trançados, especificamente os que são realizados pelo povo Balatipone. Neste sentido respondo à questão: **o que são trançados?** Para que são feitos e quais os tipos existentes. E também faço o esclarecimento sobre os trançados do povo indígena Balatipone, os que são confeccionados pelos artesões, e também os que podem ser utilizados no campo educacional. Na conclusão do texto deixamos como sugestões alguns trabalhos de autores brasileiros já realizados sobre o tema.

Já na segunda parte do texto, apresentamos o produto em si no formato de uma sequência didática, como forma de levar ao leitor a interagir com as atividades realizadas nas aulas, e com a possibilidade de criar as suas próprias estratégias de ensino a partir do trançado. Isso porque entendo que o tema: Práticas de ensino a partir dos trançados do abanador *barukwa* como ferramenta pedagógica, serve de base não só para o povo Balatipone, mas também para ser utilizado por outras escolas indígenas.

Na sequência didática apresentada descrevemos o roteiro de aulas conforme as orientações dadas para cada passo, com base no experimento vivenciado com os alunos na turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Assim no **Roteiro de aulas**, são disponibilizados quatro momentos que compõem as sequências de didáticas. Em cada uma delas é descrita a metodologia de aplicação, o formato, duração e meio de

comunicação utilizado. São listados ainda os materiais de apoio utilizados pelos alunos, tais como, Lápis de cor, cartolina, papel sulfite, caneta estereográfica e outros recursos que se fizeram necessários para a coleta dos materiais para confecção do abanador.

Além disso apresentamos uma breve avaliação que a execução da atividade nos permitiu e que segundo os alunos trata-se de uma experiência valiosa para a preservação da cultura e para a conexão com o que é aprendido na escola tornando as aulas mais atrativas e prazerosas. Para os convidados, anciã e artesãos, a aula foi uma oportunidade de interagir com as crianças compartilhando com elas saberes ancestrais necessários a vida do povo indígena Balatipone.

1. CONHECENDO OS TRANÇADOS

Os trançados são elaborados a partir de saberes e técnicas transmitidas culturalmente pelos povos indígenas, que possuem a habilidade de tecer com materiais coletados na natureza, objetos e artefatos que podem ser utilizados como utensílios para atividades materiais e imateriais. Um trançado pode ser elaborado a partir de diversas matérias primas como as folhas, palmas, cipós, talos e fibras. Os indígenas produzem uma grande variedade de artefatos e utensílios como vestimentas, bolsas, cestos, abanos, esteiras, redes, e outros para os quais existem trançados específicos. Sendo assim o trançado pode ser definido como uma técnica de confecção que é feito entrelaçando as fibras usando apenas as mãos e os dedos.

Hoje, *traçando* as linhas desta coluna, observo em minha **casa** os diversos objetos que contêm a técnica do trançado e percebo que seu uso cotidiano parece ser um pouco distante de mim – e de você. Para muitos de nós, cujas vidas emergem em **cidades** fundadas por empreendimento europeus, artigos de **fibras** naturais manufaturadas se descaracterizam e tornam-se **objetos** de **decoração**. Porém, para outros milhares de brasileiros, indígenas e camponeses, a técnica surge como um suporte imprescindível para o cotidiano. O trançado de fibras naturais se traduz como a arte da vida (Marcelo Oseas, 16/08/2021).

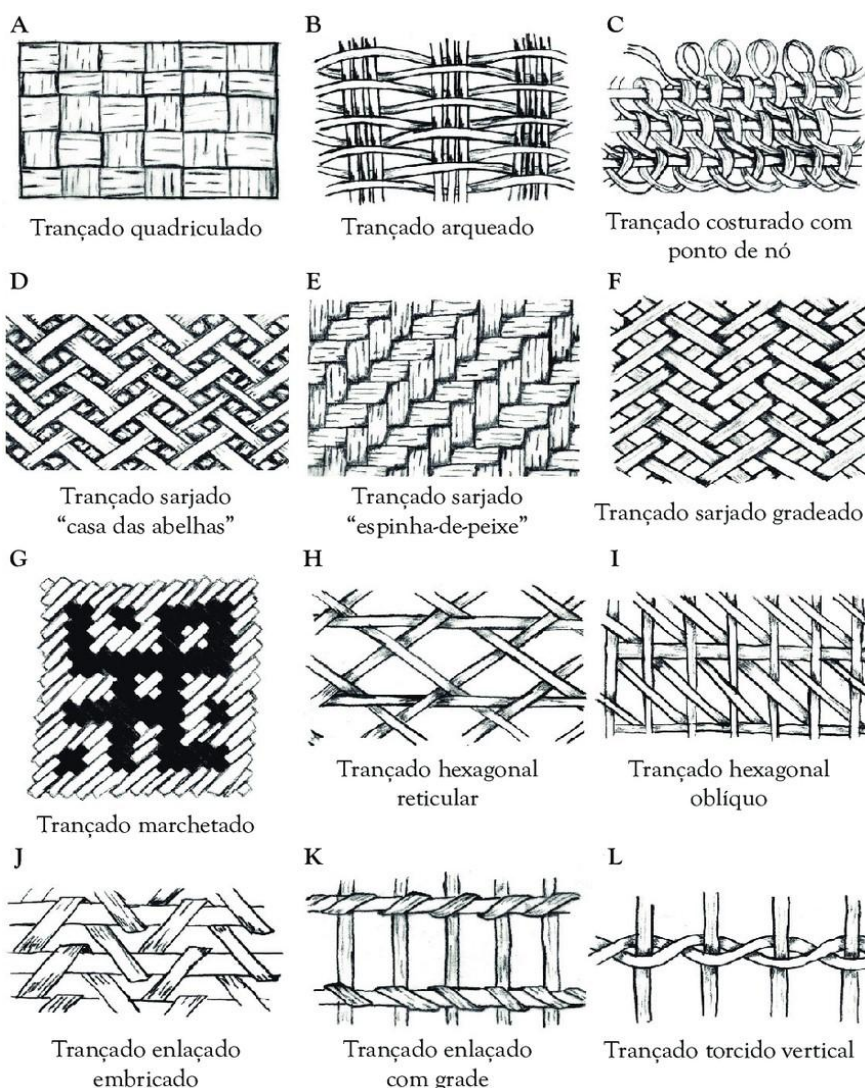
Nesta fala observamos que existe uma diferença entre o uso do trançado para produzir artesanato que normalmente são comercializados com os não indígenas e a produção de um trançado destinado a representar um povo, um evento, uma condição associada a vida cultural ou ambiental. Denota que existe uma dimensão importante na fabricação do trançado, pois a depender do artefato ou dos desenhos ou figuras que os

compõe tem uma destinação ligada a cultura imaterial dos povos que os fazem. Em assim sendo observamos que existem uma diversidade de técnicas para compor os símbolos que são necessários para que se constitua de uma peça que transcenda a praticidade do material para uma dimensão imaterial.

Nas sociedades indígenas os esforços criativos alcançam muitos domínios, pois o campo abrangido pela “arte” é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais. Os artefatos e os grafismos, em particular, materializam redes de interação complexas, condensando laços, ações, emoções, significados e sentidos. (Lagrou, 2005, p. 70).

Assim como existem todas essas dimensões do trançado também existem técnicas diferentes e com resultados bastante diferenciados como podemos verificar na figura apresentada a seguir:

Figura 1 – Formas de trançados



Fonte: Rodrigues e Gaspar, 2020.

Com esta diversidade de trançados é possível articular cores e figuras que são constituídas por um cálculo exato, permitindo que um movimento ou o uso de uma palha de cor diferente dê forma aquilo que se quer representar. Também é neste processo que a retirada ou a duplicidade de uma palha crie espaçamentos com texturas, tamanhos e formas diferenciadas. Com base em todos estes elementos podemos dizer que a criatividade se imbui de significados garantindo a expressão de ideias, pensamentos e mesmo de sentimentos.

E é por conta destas dimensões que também o fazer do abanador e todo o ritual e técnica com o qual ele é elaborado, também pode ser considerado como uma prática pedagógica que passou a compor os conteúdos escolares. Mas também com todo o cuidado para que não se perdesse aquilo que é fundante na constituição de uma atividade cultural indígena: a transmissão oral feita pelos autores, ou seja os anciões detentores do saber. Neste sentido podemos partir para outras reflexões e dentre elas a de uma pedagogia capaz de elaborar coisas materiais para acessar outras dimensões das imateriais de uma cultura visando o seu diálogo com velhos e novos saberes.

2. SEQUENCIAS DIDÁTICAS

Nesta parte do texto apresentaremos as sequências didáticas a partir dos objetos confeccionados pelos alunos durante as aulas presenciais conduzidas ora pelos professores, ora pela anciã que por meio de saberes culturais acessam conhecimentos fundantes de educação ambiental com relação aos locais de coleta e dos materiais a serem utilizados; de matemática voltados para os conceitos de geometria, tais como as formas geométricas de elementos irregulares, formulas de área, reta, triangulo, entre outros. E também dos saberes culturais envolvidos nesta prática ancestral.

Para esta sequência didática utilizamos os trançados mais simples levando em consideração a faixa etária dos alunos que é constituída por crianças que possuem entre 9 a 10 anos. Também o objeto escolhido obedeceu ao mesmo critério de facilidade de dar forma, por isso a opção pelo abanador, confeccionado a partir da fibra de babaçu. A partir dessa experiência acreditamos ser possível a aplicabilidade dessa didática em qualquer sala de aula e em qualquer idade, afirmamos também que com essa metodologia os alunos demonstraram maior interesse nos conteúdos trabalhados.

A sequência didática propõe desenvolver um conjunto de cinco aulas (05) que totalizaram 20 horas de aulas/atividades, sobre o tema geral “trançados”. A sequência didática foi repartida em quatro etapas destinadas a coleta, preparo e confecção do barukwa e um momento no qual os alunos sistematizaram a atividade na forma de desenhos e textos.

Os alunos que participaram da pesquisa foram 12 alunos do 4º ano fundamental, que pertencem a turma que está sob a responsabilidade do professor Valdevino Harinson Amajunepá, professor há 15 anos na mesma escola por processo seletivo, e que recentemente se tornou concursado pelo município de Barra do Bugres/MT.

PRIMEIRA ETAPA: CONVERSA/ORIENTAÇÃO AOS ALUNOS

Destinado ao planejamento da atividade esta etapa conta com uma metodologia expositiva dialogada com os alunos, professor e a pesquisadora em sala de aula.

Primeiro falamos da importância deste estudo para o povo Balatipone e depois para o ensino e a aprendizagem que é realizado na escola. Dialogamos sobre os trançados que são utilizados para a confecção de artefatos e ou utensílios indígenas, tais como o abanador, o cesto e a esteira. Os alunos foram mencionando as informações que

eles tinham sobre estes objetos e assim elegemos com eles que a peça a ser feita seria o abanador.

Neste dia também orientamos que deveriam vir preparados no dia seguinte para uma aula a campo destinada a coleta do broto do babaçu. Então foi explicado sobre o trajeto e o local da coleta que era distante da aldeia. Para isso todos deveriam usar sapato fechado, chapéu ou boné, blusa de manga comprida e trazer uma garrafa para carregar água.

Também foi explicado aos alunos sobre a importância de prestarem atenção nas instruções da anciã que iria acompanhar a aula e ensinar sobre a escolha do broto e a forma de coleta e transporte. Além disso foi informado também que um caçador iria fazer a proteção de todos acompanhando o grupo para evitar qualquer tipo de acidente.

E que mesmo a aula sendo fora da escola teriam que observar o processo para depois registrar com textos e desenhos o que haviam vivenciado na atividade.

SEGUNDA ETAPA: COLETA DE MATERIA PRIMA

Momento de coleta dos materiais com ida a campo que nesta etapa já conta com a presença da anciã e do caçador, pessoas da comunidade que conhecem tanto o ambiente como as qualidades dos materiais a serem coletados. Os alunos foram orientados a observar todos os acontecimentos, como os relatos, práticas, pessoas, animais, plantas, enfim todo o cenário da pesquisa e seus elementos que estavam ou não diretamente envolvidos neste estudo, mas que compõe os saberes e conhecimentos da terra indígena do povo Balatipone.

No segundo dia os alunos chegaram na escola bastante ansiosos para a aula de campo. No início da aula apresentamos a anciã e artesã Gracilda Gonçalves Amajunepá, 64 anos. Dona Gonça, como é conhecida foi logo convidando os alunos para segui-la em direção ao caminho do Babaçuzal. Ela foi na frente indicando o caminho a ser percorrido, e neste momento já falava sobre a necessidade de os brotos serem colhidos pela manhã. Também que não devia ser qualquer broto, mas sim aqueles brotos bem viçosos, sem falhas e de tamanho médio. E que para encontrar este material é necessário caminhar até uma região conhecida como coração do território, pois situa-se na parte central do mesmo e lá existem muitas palmeiras de babaçu com brotos saudáveis, que

tem fibras largas e bonitas. Além das orientações houve tempo para falar dos animais que habitam aquele espaço como porcos do mato e a onça. E também de orientar sobre os perigos de chamar a atenção deste felino que pode matar uma pessoa. Enquanto fala com os alunos as vezes parava e olhava para eles, depois continuava a falar sobre as histórias dos mais velhos.

Desde que mundo é mundo os povos aprendem somente observando tudo que os mais velhos fazem, as meninas aprendem com suas mães e avós todo trabalho doméstico e da mesma forma os meninos aprendem com seus pais a fazer arco, flecha, pescar e plantar (Gracilda Gonçalves Amajunepá, 2023).

Quando chegaram no local da coleta, a anciã convida os alunos a observarem as palmeiras atentamente para escolherem o broto conforme as orientações dadas. Ao mesmo tempo ela começa a falar de um assunto voltado para as interações ecológicas das plantas, ainda que não houvesse sido planejado com ela. Espontaneamente inicia uma provocação para os alunos: “Vocês sabiam que cada árvore tem uma história?” Então depois de trazer a atenção para sua fala complementa: “Se vocês observarem bem as árvores, vão ouvir elas contarem suas histórias”. Os alunos se entreolham e parecem não entender o que ela diz. Então ela sorri e pacientemente os convida a olhar juntos para as árvores que estão ao redor. “Olha aquela com uma raiz entrelaçada, coitada vai morrer porque aquela raiz é uma figueira que começa com uma semente depositada por um morcego ou pássaro e aos poucos vai crescendo envolvendo a palmeira e conforme cresce começa a sugar toda a vida da palmeira e assim acaba morrendo sufocada”. Aponta para outra que está ao lado. “Olha aquela outra com aquela orquídea linda, a orquídea só está viva porque a árvore divide seu alimento com ela. As orquídeas são um tipo de parasitas que sobrevivem da matéria em decomposição alojada entre as cascas da palmeira então ela fica ali junto da árvore, mas sua flor também atrai insetos e pássaros que são importantes para a palmeira. E olha aquela outra com tronco bem alta e com muitos frutos indica que cresceu para buscar luz solar, e ainda aquela que já serve de ninho para as araras”.

Depois de tantas histórias chegamos ao centro do babaçuzal. Ali na frente de todos os alunos ela orientou como devia ser feito o corte. Após escolher os brotos novos se prepara e faz um corte preciso e firme com apenas um golpe de facão. Neste momento ela lembra a eles que como só será feito um abanador por pessoa, logo só precisam cortar um. Os alunos se organizaram e um a um foram repetindo o mesmo movimento de corte. Após todos cortarem os brotos que escolheram se colocaram a

caminho da escola carregando o broto conforme a instrução da anciã. Observei que durante a coleta os alunos estavam muito alegres e prestavam muita atenção em cada história contada, e cada observação feita na natureza pela artesã, assim entendendo que tudo está ligado no contexto escolar, podemos ver e observar que nas narrativas estavam presentes: história, geografia, matemática, educação ambiental e o próprio conhecimento da artesã que nos remete a sabedoria tradicional. E que a anciã mesmo não tendo formação escolar contribuiu muito no direcionamento da aula. Ela ensinou coisas importantes como a possibilidade de uma escuta pela observação das árvores.

Figura 2 - Anciã: Gracilda Gonçalves Amajunepá



Fonte: Acervo da autora.

TERCEIRA ETAPA: O PREPARO DA MATERIA PRIMA

Este momento se configura pela preparação do broto para executar o trançado. E como já ocorreu na etapa anterior foi preciso muita atenção, pois cada passo pode interferir no resultado. Assim logo depois de chegar na escola, os alunos foram almoçar e descansar. O desejo de retomar a atividade era intenso, mas tiveram de esperar, pois a

anciã orientou que tão logo ela retornasse do seu horário de almoço iria explicar o processo e que se houvesse erro poderiam perder a palha e ficar sem o abanador.

Quando chegou reuniu os alunos em volta de uma mesa e começou o processo de estalar o broto que consiste na separação da palha do ramo central. Antes que os alunos iniciassem seu processo de estalar ela orientou que era preciso todo cuidado para não retirar totalmente nenhum das palhas para que não haver falha. Segundo a artesã é impossível realizar os trançados se houver falhas no ramo.

Após estaladas as palhas são colocadas uma a uma para secar no sol. Então depois de estalar cada aluno levou o seu material para casa com a orientação de cuidar dos ramos por três dias no sol sem molhar, a partir do segundo dia foi orientado a deixar durante a noite para pegar o sereno assim as palhas ficam macias para trabalhar.

Figura 3 – Imagens dos alunos e da professora realizando o processo de estalar os brotos do babaçu.



Fonte: Acervo da Autora, 2023.

QUARTA ETAPA: O PROCESSO DE CONFECÇÃO DO ABANADOR

Após esse período de preparação, os alunos trouxeram as palhas para a escola e foi iniciado a confecção do abanador. Novamente a anciã veio para orientar o processo do trançado. E os professores ao mesmo tempo que executavam a confecção da peça foram chamando a atenção sobre os conteúdos escolares, notadamente sobre os conceitos matemáticos envolvidos no trançado.

O primeiro passo do trançado é feito com retas paralelas. Retas que não possuem nenhum ponto comum. Depois, à medida que vai construindo, observa-se as retas transversais e as retas perpendiculares. Essas são retas que possuem um único ponto em comum. O exemplo mais importante de retas transversais são as retas perpendiculares, que são aquelas que formam um ângulo de 90° . Retas transversais que formam um ângulo de 90° , isto é, retas perpendiculares. Esta ideia é a continuação do 1º passo do trançado. Depois, trabalhamos com as retas concorrentes. Retas que tem um ponto em comum. Depois, retas coincidentes. Ou seja, retas que possuem dois pontos em comum. Existe um resultado que garante que quaisquer retas que possuem dois ou mais pontos em comum serão a mesma reta. Dessa maneira, se duas retas possuem dois pontos em comum, então desde o início existia uma única reta. Essa ideia é o 5º passo do trançado. Depois a observação é feita nos ângulos. Um ângulo é o conjunto de pontos formados por duas semirretas (lados do ângulo) que possuem o mesmo ponto de partida (vértice) do ângulo. Essa ideia é o início quando começa a abrir as folhas do broto para colocar para secar. Depois, exploramos o conceito de plano. Foi explicado que planos são figuras geométricas bidimensionais formadas pela reunião de infinitas retas, perpendiculares a uma reta dada, dispostas lado a lado. Essa figura é considerada, na geometria, como um conceito primitivo. Isso acontece porque, na realidade, não existe definição para ponto, reto e plano, por exemplo, o povo Balatipone usa tradicionalmente estes conceitos, mesmo que as suas definições como usamos só foi ensinado com a escola. Temos apenas uma “ideia primitiva” de como essas figuras são e/ou do seu formato. Essa ideia é a parte final, aplicada com o abanador completamente finalizado. Complementa-se a ideia matemática, o cuidado ambiental com as palmeiras e com o meio ambiente, em diálogo com o patrimônio material que são os nossos artesanatos. (Rozinete Zoizoquialo Amajunepá, 2023)

Assim, cada aluno confeccionou seu abano sob a orientação da anciã Gracilda Gonçalves e em diálogo com a pesquisadora e o professor que fizeram desta prática cultural, a confecção do *barukwa*, também uma possibilidade de reflexão sobre os conteúdos escolares e vice versa.

Nas figuras a seguir podemos observar uma parte do processo em que se explicita tanto o envolvimento da anciã, quanto das crianças, durante o feitiço do trançado. Existe por parte de todos um envolvimento total com as palhas (parte concreta) e a ideia do artefato que será confeccionado. Neste momento só era possível ouvir o barulho das palhas sendo trançadas, misturado com a respiração dos alunos que buscavam manter o movimento das mãos guiados pela observação na anciã que

acompanhava tudo de perto.

Figura 4 – Registro do momento em que se iniciou o processo do trançado.



Fonte: Acervo da Autora, 2023.

A medida que o *barukwa* tomava forma as crianças começaram a dialogar sobre o processo conectando cada movimento das palhas com os conceitos matemáticos, sem esquecer os ensinamentos culturais e ambientais presentes nesta experiência que podemos defini-la como uma prática pedagógica sociocultural e ambiental. Ainda que a conversa estivesse boa, o horário já estava ultrapassado, e como todos já havia terminado encerramos o dia com a proposta de retornar ao assunto no dia seguinte.

QUINTA ETAPA: A SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Chegando na escola havia, por parte dos alunos uma agitação para relatar o que aconteceu em suas casas quando relataram para seus familiares sobre a atividade realizada. Alguns alunos relatam que durante a noite os pais contaram como era feito e também como era usado o *barukwa*. Após este compartilhamento das vivências, retomamos a nossa tarefa de sistematizar tudo que vimos, ouvimos e fizemos nas quatro etapas anteriores. Sugerir que eles podiam relatar através de escrita ou desenhos, e a maioria dos alunos preferiram relatar através de desenhos. Embora no início alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade na execução do trançado, todos conseguiram fazer o trançado do abanador *Barukwa* com satisfação, o mais importante, pois esta aula, não foi apenas para assimilar conceitos ou conteúdo, mas também para saber e conhecer a importância de valorizar os conhecimento do povo, a importância de preservar os trançados feito pelo povo Balatipone e através de uma praticas pedagógicas, é que vamos poder trabalhar tudo isso, conceitos, conteúdos, conhecimentos tradicionais, culturais, valorização. As práticas pedagógicas não tem um prazo determinado, elas vão muito além da sala de aula e daquilo que que conhecemos como educador, ela está aberta ao cotidiano propriamente dito. A base comum nos traz isso, sobre práticas pedagógica, ela diz: valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade.

2.1 ROTEIROS DAS AULAS

AULA 1 – CONTATO DOS ALUNOS COM A ARTESÃ ANCIÃ

Formato: Aulas presenciais

Duração: 4 horas

Meio de Comunicação: Oralidade

Desenvolvimento: A anciã foi convidada para participar da aula para um bate-papo (roda de conversa) com os alunos, essa aula aconteceu no horário normal das aulas com o conhecimento dos pais dos alunos. A anciã chegou no horário combinado, todos os alunos já a aguardavam muitos ansiosos. A professora inicia a aula apresentando a anciã, a mesma começa apresentando aos alunos nome etnia e seus conhecimentos sobre o tema, bem como a mesma aprendeu a confeccionar os artefatos em estudos. Os alunos todos atentos fizeram muitas perguntas e a anciã respondeu a todos com muita atenção, todos ansiosos para começar de fato a aula prática e ela começa as orientações sobre a coleta, preparo e por ultimo a confecção.

AULA 2 – APRESENTAÇÃO DO TEMA/INTRODUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Formato: Aulas presenciais

Duração: 4 horas

Meio de Comunicação: Oralidade

Desenvolvimento: A pesquisadora reuniu com a comunidade escolar (Equipe do CDCE) e cacique, posto que a escola fica na aldeia central e a Escola Municipal Indígena Julá Pará não tem um diretor (a), para apresentar a presente pesquisa, seus objetivos e finalidade a todos, e apresentou uma carta de pedido de autorização para realização da mesma na referida escola. Portanto, assim que autorizado deu-se início aos estudos sobre o tema proposto dando destaque aos trançados.

AULA 3 – PROCESSO DE COLETA E TRATAMENTO DO BROTO DE BABAÇU

Formato: Aulas de Campo

Duração: 4 horas

Meio de Comunicação: Oralidade

Desenvolvimento: A) todos foram avisados na aula anterior que viessem preparados para ir até a mata fazer a coleta da matéria prima (sapato fechado, chapéu ou boné, blusa de manga longa, garrafa de água;

B) Explicado aos alunos sobre as imagens que foram retiradas durante o desenvolvimento da pesquisa bem como o registro.

C) Cada aluno irá coletar o seu material com a supervisão dos professores e da anciã.

D) Orientados a coletar somente o que será usado e o que conseguir transportar.

AULA 4 – CONFECÇÃO DO TRANÇADO EM SALA DE AULA

Formato: Aula do trançado

Duração: 4 horas

Meio de Comunicação: Oralidade

Desenvolvimento: Anciã retornou a sala de aula para explicar o processo do trançado, neste momento a professora aproveitando as orientações dadas, introduziu conceitos de geometria para orientar na movimentação e distribuição das palhas de modo que ao final houvesse se formado uma peça: o abanador. Durante o trançado os conceitos matemáticos foram necessários para auxiliar na forma que eles queriam dar para os seus abanadores. Mas assim que as peças foram tomando formato o assunto novamente se direcionou para a importância cultural deste objeto que proporcionou o dialogo entre os alunos e seus pais no sentido de resgatar os usos e costumes relacionados a este objeto.

AULA 5 – ELABORAÇÃO DOS TEXTOS E DESENHOS: AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

Formato: Produção de textos e gravuras

Duração: 4 horas

Meio de Comunicação: Oralidade e Imagens

Desenvolvimento: Nesta etapa os alunos foram convidados a representar com textos e desenhos o que haviam aprendido e também a destacar a parte que consideraram a mais importante. Todos os alunos desenharam e também escreveram sobre os seus desenhos retratando o processo. Neste momento houve uma predileção pela aula de campo, mas também foi muito comentado a possibilidade de acessarem seus pais para conversar sobre a cultura. Assim muitas histórias foram contadas e recontadas sobre esse objeto tão importante que é o abanador, O Barukwa.

2.3 OS TRÊS MOMENTOS PEDAGÓGICOS

PRIMEIRO MOMENTO PEDAGÓGICO

Trouxemos para dentro da sala de aula os conteúdos (trançados) como forma de metodologia de ensino a partir do cotidiano do aluno como ferramenta de aprendizado, explorando o seu entendimento sobre o tema abordado.



SEGUNDO MOMENTO PEDAGÓGICO

Aplicabilidade dos alunos com a intermediação da anciã e da professora sobre a construção do Barukwa, dessa forma aprimorando os conhecimentos a respeito do tema em estudo.



TERCEIRO MOMENTO PEDAGÓGICO

A releitura de tudo que aprenderam desde a coleta até o processo final da construção dos artefatos aqui abordados pelos, neste momento os alunos expuseram através de textos e desenhos tudo que essas aulas representaram á eles.

REFERENCIAS

CASA e JARDIM, Cultura Brasileira – **Trançado**: a importância no cotidiano e na manutenção da cultura artesanal. Por Marcelo Oseas. Acessado às 12:34 do dia 10.10.23

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe: Cultura, escola e professores indígenas no Brasil** (Tese de Doutorado) do Programa de Pós-graduação em Antropologia. Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2008.

Paulo Freire. A importância do ato de ler.

LAGROU, E. **Arte ou artefato?** Agência e significado nas artes indígenas. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol. 01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso em: 22/03/2024.

RODRIGUES, Igor Morais Mariano e GASPAR, Meliam Viganó. **Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas**. Indiana, v. 37, n. 2, p. 171-203, 2020. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.18441/ind.v37i2.171-203>. Acesso em: 08 abr. 2024.

ZITKOSKI, Jaime José. **Visões Epistemológicas da Ciência**. In Caderno Pedagógico. Ano VI, nº 11 e 12, URI, Frederico Westphalen, 1996.